

A REENCARNAÇÃO

Nº 423 - ANO LXVIII

Diretor

Udo Schüller

Redação

Eber Waner Borges Rosa

Valdete Santos da Cruz

João Paulo Lacerda

Revisão

Valdete Santos da Cruz

Jornalista Responsável

João Paulo Lacerda (DRT/RS 4044)

Produção Gráfica



Redação e Administração

Av. Desembargador André da Rocha, 49

Fone/Fax: (51) 3224.1493

Porto Alegre -RS- CEP 90050-161-Brasil

reencarnacao@fergs.com.br

Esta revista está registrada no C.R.C. (Dec. nº 24776, Art. 5º, item 1) sob o nº 211.185, cadastro nº 458/p nº 209/73 do D.C.D.P.

Fundada em julho de 1934 por Oscar Breyer (seu primeiro diretor) sendo presidente da FERGS Ildefonso da Silva Dias



**FEDERAÇÃO ESPÍRITA
DO RIO GRANDE DO SUL**
<http://www.fergs.com.br>

CONSELHO EXECUTIVO

Presidente

Jason de Camargo

1º Vice-presidente

Gladis Pedersen de Oliveira

2º Vice-presidente

Valdete Santos da Cruz

Departamento Doutrinário

João Felício

Departamento de Assuntos da Família

Marilene Huff

Departamento da Infância e Juventude

Wilma Darde Ruiz

Departamento de Comunicação

Udo Schüller

Livraria Espírita Francisco Spinelli

Elmira Maria Pelufo

Departamento de Pesquisa e Estudo

Nilton Stamm Andrade

Departamento de Assistência e

Promoção Social Espírita

Eber Waner Borges Rosa

Assessor Geral

Seldon Fritz Hofmann

Secretaria

Celina Correa Córdoba

Marion Hemb

Tesouraria

Lauro Varela

Erico Seus

Sumário

EDITORIAL	Pág. 4
A questão social na visão espírita	Pág. 4
<i>Eber Waner Borges Rosa</i>	
O modelo de assistência e promoção social espírita no Brasil	Pág. 7
<i>Edvaldo Roberto de Oliveira</i>	
A moeda e a Educação	Pág. 11
<i>Lauro Roberto Borba</i>	
Metodologia e terapêutica espíritas nos trabalhos assistenciais	Pág. 13
<i>Elaine Curti Ramazzini</i>	
O serviço de assistência e promoção social espírita: Objetivos, características e finalidade educativa	Pág. 16
<i>José Carlos da Silva Silveira</i>	
A visão sistemática do centro espírita aplicado a assistência social	Pág. 19
<i>Nilton Stamm de Andrade</i>	
A legislação de assistência social e as instituições assistenciais	Pág. 23
<i>Fernando Lopes Alves</i>	
Fora da educação não há salvação	Pág. 26
<i>Ney Lobo</i>	
E os paradigmas se movem novamente: A comunicação como ética da promoção social espírita ...	Pág. 32
<i>Luiz Signates</i>	
A assistência social e o desenvolvimento integral da família	Pág. 35
<i>César Reis</i>	
O trabalhador voluntário na assistência e promoção social espírita	Pág. 39
<i>Sandra Regina Miranda Pereira</i>	
Pelos caminhos da cristandade	Pág. 41
<i>Cristian Macedo</i>	

Construindo um projeto eficiente de assistência e promoção social espírita - um modelo de amor

É possível a construção de um modelo de Ação Social que tenha como base o amor e como finalidade a transformação moral e espiritual do homem?

Certa vez perguntaram a Mahatma Gandhi, se era possível viver o que ele pregava e em que dimensão isto era possível?

Ele disse: Certamente que sim. Principalmente em pequenas comunidades.

Com esta assertiva de Gandhi, podemos afirmar que aquilo que nós queremos para o mundo, fazemos no local: Podemos ter instituições inseridas em comunidades, que sejam sementes de um mundo novo. Experiências novas do modelo de amor.

Isto já aconteceu na Terra?

Sim. Já aconteceu! Sobretudo, no momento sublime, quando o próprio Jesus veio à Terra.

Os primitivos cristãos, ao longo da estrada que ligava Jope a Jerusalém, ergueram uma casa: A Casa do Caminho.

À noite, eles se reuniam sob as estrelas, quando o luar se esparramava pelos caminhos, para junto a um fogo aceso, conversar sobre Jesus, ler um texto de Mateus, recordar as lições do Mestre, após um dia intenso de trabalho no bem. Assim era a Casa do Caminho, um modelo de amor.

Quem eram aqueles homens e mulheres que compunham a Casa do Caminho? Eram, homens e mulheres comuns. Pedreiros, carpinteiros, jardineiros, pescadores, pessoas de atividades domésticas. Não eram santos, anjos caídos à Terra. Eram homens e mulheres que num dado momento, permitiram que a mensagem de Jesus lhes adentrasse o íntimo e lhes provocasse

uma profunda transformação.

Mas que transformação?

Lendo o texto Atos dos Apóstolos, capítulo quarto, encontramos a seguinte definição. “Na Casa do Caminho não havia necessitados”, porque todos atendiam às necessidades de todos, pois eram um só coração: Era uma comunidade de amor.

Eis que, este modelo, volta à Terra. E este o papel da Casa Espírita: É ser um modelo de amor.

Para isso, nossas instituições espíritas precisam acompanhar os novos tempos e passarem a exercer um papel social mais efetivo e transformador, de aproximação, acolhimento, orientação, evangelização e educação, dessas populações socialmente excluídas, que em sua maioria desconhecem a doutrina luminosa dos Espíritos, porque a ela não tiveram acesso.

Percebendo esta necessidade de adequar-se aos novos tempos a Federação Espírita do Rio Grande do Sul – FERGS, promoveu o Iº Seminário Estadual de Assistência e Promoção Social Espírita, ocorrido em maio de 1998, e instituiu o SAPSE - Setor de Assistência e Promoção Social Espírita.

Esta iniciativa visava atender ao apelo da Federação Espírita Brasileira - FEB, que na reunião da Comissão Regional Sul, estabelecia como objetivo à todas as federativas estaduais a criação do SAPSE.

Em agosto de 2000, a FEB e a USEERJ – União das Sociedades Espíritas do Rio de Janeiro, promovem o 1º Encontro Nacional do SAPSE – Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, no Rio de Janeiro.

Naquela ocasião, foram definidas as estratégias de atuação do SAPSE a

nível nacional, tendo sido colocado à disposição do movimento espírita brasileiro o Manual de Apoio e Orientação para as Atividades de Assistência e Promoção Social Espírita. Este se constitui no documento mais importante, pois apresenta toda a base técnica e doutrinária para a implantação segura das atividades de Assistência e Promoção Social Espírita, nas casas espíritas. (disponível no endereço: www.fergs.com.br).

Consolidando estas iniciativas a FERGS em novembro de 2001, institui o Departamento de Assistência e Promoção Social Espírita – DAPSE, passando este departamento a inserir-se oficialmente na estrutura administrativa da federação.

Em maio de 2002 o DAPSE da FERGS, promove o IIº Encontro Estadual de Assistência e Promoção Social Espírita na Assembléia Legislativa de nosso estado, tendo dois objetivos fundamentais:

1. Definir de forma mais clara o papel das instituições espíritas no exercício das atividades de assistência e promoção social em face do momento atual e do compromisso espírita com o atendimento à humanidade.

2. Estabelecer o modelo de Assistência e Promoção Social Espírita à luz da modernidade.

Esta edição da revista A REENCARNAÇÃO visa dar seguimento a este conjunto de iniciativas e, com isso, contribuir neste momento, para que nós espíritas nos capacitemos para exercer este papel significativo de transformação social, propósito de nossa veneranda doutrina.

Que Deus nos ilumine. Avancemos!

“(...) Todo o Centro Espírita deverá realizar serviço assistencial espírita, assegurando suas características beneficentes, preventiva, e promocional, conjugando a ajuda material e espiritual, fazendo com que este serviço se desenvolva concomitantemente com o atendimento às necessidades de evangelização”.

(OCE – Orientação aos Centros Espíritas – CFN - FEB, Cap. IX, Preâmbulo).

A questão social na visão espírita

Eber Waner Borges Rosa*

“A Terra produz bastante para nutrir, a todos os seus habitantes; quando os homens souberem administrar os bens que ele dá, conforme as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo; quando a fraternidade reinar entre os diversos povos,... o que é momentaneamente supérfluo para um, suprirá a momentânea insuficiência do outro, de modo que todos terão o necessário.”...” Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XXV, item 8

“Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo ninguém deve morrer de fome.” Resposta dos Espíritos a Questão 930 de o Livro dos Espíritos.

Observando o mundo atual constatamos facilmente a existência de grandes contradições, onde o homem, a cada instante, embora demonstre ter alcançado elevado padrão de desenvolvimento tecnológico, ignora em sua grande maioria os valores essenciais de sua natureza espiritual, gerando grandes divergências de opinião, dificultando a sua caminhada evolutiva.

Pois, como nos mostrou a socióloga Cleusa Colombo também no movimento espírita brasileiro, existem as divergências de opiniões, que dificultam a união dos espíritistas e a unificação do movimento espírita na aplicação do método kardequiano. (1)

Na área da Assistência e Promoção Social Espírita não é diferente. Há divergências de opiniões e interpretações a cerca de como deve ser a atuação do movimento espírita em relação a questão social.

Há, por exemplo, os que se apóiam basicamente uma caridade assistencialista - filantrópica; Há, os que se dedicam ao estudo dos fenômenos e suas implicações, entendendo que não cabe ao Espiritismo o atendimento social e assistencial às massas menos favorecidas socialmente. E há ainda, outros que acreditam na transformação da humanidade, através de um entendimento tríplice da Doutri-



na Espírita, em que para estes Ciência, Filosofia e Religião se entrelaçam indissolúvelmente, entendendo que a caridade deve transcender o assistencialismo, e que o movimento espírita deve ter uma atuação mais efetiva, influenciando nas estruturas sociais, e contribuindo para a promoção do homem, usando a educação como instrumento de progresso moral e espiritual.

No que se refere ao social, Kardec nos afirmava que: “A questão social depende inteiramente do melhoramento moral do indivíduo e das massas...”.(2) Esclareceu ele ainda, que: “A educação é o conjunto de hábitos adquiridos e que é através da educação que as massas menos favorecidas melhorarão economicamente”.(3)

Neste sentido o Espiritismo assume a posição de que a questão social está intimamente ligada às questões moral e espiritual, não havendo divisão entre a realidade social e a realidade espiritual, e que a evolução do homem integral, entendido como ser moral que se manifesta na sociedade, é que determina a evolução das relações sociais.

Para Kardec: “o progresso é uma sucessão de fatos morais e sociais determinados pelas relações entre o elemento espiritual e o elemento material”. (4)

Na visão do reformismo social cristão, que não restringe somente ao aspecto econômico-social, enfatiza que a questão social moderna transcenderá o âmbito econômico-social, apontando cada vez mais para a esfera espiritual e cultural.

Já o Espiritismo visando promover a transformação da humanidade, utiliza-se do mecanismo da reforma moral dos indivíduos. Herculano Pires, no entanto, acentua; “esta reforma deve ser profunda, não superficial”.(5) Parte ele do princípio de que, “o mundo e, por conseguinte a humanidade, é o reflexo do homem e que para obtermos um mundo transformado, ou um verdadeiro mundo de luz é necessário acendermos a luz das almas”. (5) Diz ainda que; “Isso, por si só, não basta, é preciso, ao mesmo tempo em que,

* Administrador e Diretor do Departamento de Assistência e Promoção Social Espírita da FERGS

A Doutrina Espírita deve atuar no campo social mudando o homem por dentro, para que ele construa então uma sociedade mais justa.

acendemos a luz das almas, devemos fazê-la brilhar no meio social em que vive, pois as almas iluminadas iluminam a sociedade”. Considera ainda, Herculano; “que “essa iluminação se dará através da educação, cuja pedagogia consiste em ensinar e dar o exemplo”, (5) seguindo o modelo do Cristo.

Também o Espiritismo partindo do conceito de que os sistemas sociais se criam de acordo com a evolução dos homens, não concorda que esta reforma, ou mudança seja feita de forma abrupta e impositiva, mas sim de modo gradual e permanente. É preciso que haja tempo para a assimilação das novas idéias. Kardec acentua: “Não se transforma o coração dos homens por decreto. (6)”.

Na visão espírita, conforme nos demonstra Denis, “A educação da alma é a finalidade última, o fim supremo da evolução humana”. (7)

Portanto, a solução dos problemas sociais, segundo o Espiritismo, está baseada na Pedagogia, constituindo-se a educação no instrumento desta transformação. Entende ainda, que é através da educação que conseguir-se-á libertar o homem, induzindo-o a prática da caridade, da solidariedade, do amor ao próximo, do combate ao orgulho e ao egoísmo. Pois como Kardec, afirmava: “Nada se opõe mais à liberdade e a fraternidade, do que o orgulho e o egoísmo”.(8)

Por isso, para o Espiritismo o caminho para a solução dos problemas sociais está na Pedagogia da transformação moral do homem e da sociedade. Isto significa que os problemas sociais, na sua essência, são problemas morais.

Ainda, partindo do raciocínio de que o exercício da solidariedade é lei universal que liga todos os seres humanos, a prática da caridade deve transcender o assistencialismo, atuando nas estruturas sociais e culturais, transformando a mentalidade dos homens, sendo por isso importante investir na Educação, proporcionando à criança, jovens e adultos, uma formação cultural apoiada na mais positiva e completa base espiritual, que mostre a insensatez das concepções materialistas.

Outro aspecto a ser observado em relação a questão social é a falta de cuidado com o ser humano, estigma de nosso tempo. Esta falta ocorre em todos os sentidos. Portanto, cabe a nós

espíritos, neste terceiro milênio, construir um novo paradigma de convivência, inaugurando um novo modelo de assistência e promoção social, estabelecendo um pacto social, de respeito e preservação a tudo que existe e vive, buscando alternativas que representem uma nova esperança. Leonardo Boff nos alerta, “O grande mal desta civilização é o descuido, o descaso, o abandono, numa palavra, a falta de cuidado. Há um descuido manifesto pelo destino dos pobres e marginalizados da sociedade.” (9)

Assim, acima de qualquer combate à classes sociais e estruturas econômicas, o Espiritismo deve atuar no campo social, transformando o homem, por dentro, tornando-o capaz de moralmente realizar a construção de uma sociedade mais justa, contribuindo na formação de um homem consciente de suas responsabilidades com a vida, com o mundo, com o meio ambiente, com a sociedade, com o próximo, com Deus e consigo mesmo.

Mostra ainda, o Espiritismo, através da leitura de suas obras básicas, que a ação mais agradável a Deus, é a da caridade. “Mas não dessa caridade fria e egoísta que consiste em espalhar em torno de si a sobra de uma existência nababesca, mas da caridade

cheia de amor, que vai ao encontro do infeliz e o levanta sem humilhar...” Segue dizendo; “Não repudies as lamentações receando ser enganado, mas vai à fonte do mal. Alivia primeiro, depois informa-te e verifica se o trabalho, os conselhos, mesmo a afeição, não serão mais eficazes que a esmola”. (10)

Esclarece ainda, o Espiritismo as relações que há entre o corpo e a alma, e afirma; “Que por serem necessários um ao outro, é preciso cuidar de ambos”. (11) Contempla assim, o homem na sua totalidade: Espírito e Corpo.

Portanto, bem entendida, a assistência e promoção social espírita constitui-se, hoje num instrumento de interação com a sociedade, de que dispõe o Movimento Espírita, que veicula a mensagem espírita, exercendo o seu papel transformador, levando o consolo, esclarecimento, iluminação, assistindo àqueles que passam pela difícil prova da privação material, espiritual e moral, e que sequer dispõem do mínimo para uma vida digna.

Deve assim, o Movimento Espírita levar o atendimento emergencial, mas, acima de tudo, deve contribuir para a promoção e elevação moral e, por conseguinte, social do indivíduo e da família, através da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- (1) COLOMBO, Cleusa Beraldi, 1937-1997. *Idéias Sociais Espíritas*. São Paulo. Editora Comenius e IDEBA, 1998
- (2) KARDEC, Allan - *Obras Póstumas – Credo Espírita*. Rio de Janeiro. Federação Espírita Brasileira;
- (3) KARDEC, Allan - *Livro dos Espíritos – 3ª. Parte - Lei do Trabalho*. Rio de Janeiro. Federação Espírita Brasileira;
- (4) MARIOTTI, Humberto. *O Homem e a sociedade numa nova civilização*. São Paulo: Edicel, 1967.
- (5) PIRES, J. Herculano. *O Reino – São Paulo – LAKE – 1946*.
- (6) KARDEC, Allan – *Obras Póstumas – São Paulo – Edicel – 1971*.
- (7) DENIS, Léon *Revue Spirite (Journal d'études psychologiques)* Paris : Janeiro e Dezembro, 1924.
- (8) KARDEC, Allan – *Livro dos Espíritos – São Paulo – LAKE, 1980*.
- (9) BOFF, Leonardo – *Saber Cuidar – Ética do Humano*. Petrópolis, ED. Vozes, 1999.
- (10) KARDEC, Allan – *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Cap. XVII, item 11. FEB.
- (11) KARDEC, Allan – *Evangelho Segundo o Espiritismo*. Cap. XVI, item 11. FEB.

O modelo de assistência e promoção social espírita no Brasil

*Edvaldo Roberto de Oliveira**

Para definirmos o modelo de Assistência e Promoção Social se impõe uma primeira reflexão sobre a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. No seu título I, artigo, III, ela estabelece: “Constituem objetivos fundamentais da república federativa do Brasil... Erradicar a pobreza e a marginalização, e reduzir as desigualdades sociais e regionais...”.(1)

Sob o ponto de vista de cidadão, de brasileiros numa dimensão mais geral, e de espíritas numa dimensão mais particular, lembramos do notável livro vindo das mãos abençoadas de Chico Xavier, cujo autor é Humberto de Campos. “Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho”.(2) Nas narrativas, deste livro, quando nos avizinhávamos do

século XX, nos dias da proclamação da república, o espírito Ismael, examinando a história pátria, desde o descobrimento, passando pelo Brasil colônia, primeiro e segundo império, numa visão retrospectiva, analisava.

- Como é que nós, espíritos encarnados - grupo constituinte desta nação, estávamos nos comportando? Muitos de nós, vindos da velha Europa, outros da África, com experiências anteriores no continente Asiático. Espíritos calcetas, que tínhamos, colocados em nossas consciências culpas, pelo mau uso de posições políticas e religiosas, como é que nós - coletivo que constitui o povo brasileiro - estávamos nos comportando, até aquele momento?

De outro lado Ismael lança um olhar para o futuro, para a vocação para a qual este país estaria destinado. Constata entre um momento e outro, entre o passado e o futuro, que nós - o povo brasileiro - entre marchas e contramarchas, havíamos amadurecido. Tínhamos alcançado, como povo e como nação, um amadurecimento que nos colocava já na adolescência e, desta para uma fase adulta.

Por conseguinte, Ismael conclui, e diz textualmente no livro: “É chegada a hora de permitir e possibilitar que este país caminhe, agora, sem a nossa tutela, pelos próprios pés”.(2) Por que até ali, fomos tutelados pelos espíritos. Eles praticamente conduziram a história do país. Foram eles que, protagonizaram os maiores eventos, como; a Independência, o Sete de setembro. E Ismael, conclui: “Agora, este povo, tem que caminhar pelos próprios pés... Estão grandinhos. Eles precisam ir à luta”. (2)

Retomando a reflexão inicial, verificamos que os objetivos que estão contidos na Constituição de 1988 estão relacionados com esta declaração de Ismael. Tem a ver, no sentido em que caberia a todos nós, - cidadãos brasileiros, - o coletivo da sociedade brasileira - num processo de amadurecimento crescente, tomar em nossas mãos, o destino da pátria, e fazermos com que ela caminhasse em direção à vocação, para a qual estava destinada. Teríamos nós, que construiríamos o país, e construí-lo não só do ponto de vista físico, abrindo estradas, desenvolvendo cidades, caminhando da agricultura para a indústria, da indústria para o mundo da

* Assistente Social. Vice Presidente da USEERJ. Assessor da Diretoria do Lar Fabiano de Cristo.



Erradicar a pobreza e a marginalização é um objetivo constitucional.

tecnologia moderna, mas também avançar o país no padrão civilizatório. Sair da escravidão negra, para a liberdade, o respeito às etnias. Caminhar na conquista dos direitos políticos, civis e sociais, defender os direitos de gênero, além das etnias, criar padrões civilizatório através de leis e instituições.

E é exatamente o que vem acontecendo, desde então, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. É o movimento da sociedade civil, no impulso da solidariedade, para ajudar o próximo, através de duas dimensões. Uma dimensão pessoal e uma institucional.

Na dimensão pessoal nós tivemos as ações de solidariedade, cujo emblema era a esmola. A esmola concretizando a solidariedade, e com ela as palavras de consolação e apoio. Sobre um ethos religioso, sobretudo católico, que era a religião predominante. A outra dimensão era a Institucional, através das santas casas de misericórdia. E com isso, nós fomos construindo uma cultura da solidariedade, uma cultura com o nome de caridade, uma cultura da generosidade, até 1930, quando pela primeira vez o estado assume para si também a

Nós espíritas acabamos participando do processo de transformação social, independente da nossa vontade, mesmo quando não nos damos conta disto.

tarefa de intervir nas questões sociais.

O surgimento do serviço social e processo de mudança

E naquela quadra da história, com os avanços que aconteciam na Europa, introduz-se no Brasil, conceitos novos. Vem para o Brasil, uma profissão nova. O Serviço Social, que alia, aquele impulso inicial de solidariedade, sob uma perspectiva religiosa, as técnicas e os conhecimentos de Assistência Social, iniciando uma etapa nova. Acrescentando-se, neste momento, todo um aparato burocrático, um aparato de legislações, de instituições, do próprio estado.

Lá adiante, nos artigos 203 e 204 da constituição, (1) propõe pela primeira vez, a Assistência Social como uma política pública, dever do estado, direito do cidadão. Logo após surge uma lei específica, Lei Orgânica de Assistência Social em 7 de dezembro de 1993.

Estamos passando por um processo de mudança, de transformações. É o Brasil se organizando dentro do concerto das nações, que vai ganhando fóruns de modernidade, de país que se insere dentro do padrão civilizatório ocidental, de direitos sociais, políticos, civis, sonhados pelos carbonários franceses, da revolução francesa. Tudo isto começou a partir do ano de 1950, e mais precisamente de 1988, com a constituição federal. Então tudo é muito novo para nós.

A inserção dos espíritas neste processo de mudança

Nós Espíritas não estamos isolados, estamos inseridos neste processo de transformações sociais e culturais. Dentro de uma visão sistêmica, tudo isto que está acontecendo nos envolve. Somos partícipes deste processo, queiramos ou não, saibamos ou não.

Nós Espíritas inauguramos neste país um modelo de assistência, de princípio muito calcado no modelo vigente. Não fizemos muito diferente do que foi feito pelos católicos que nos antecederam. Eles faziam campanhas do quilo, eram os vicentinos, nós também fizemos, Eles visitavam famílias, nós também visitamos. Portanto, passamos a adotar um modelo de assistência que era da cultura brasileira, por que também, àquela época, muito pouco, conhecíamos, da nossa própria Doutrina. Os livros eram traduzidos do Francês. Um país pobre, de poucas letras. Só uma elite conseguia ler as obras espíritas. Só as classes e camadas mais intelectualizadas. O autodidatismo no movimento espírita predominava. As casas espíritas surgiam, por conta do mediunismo. A pessoa era médium, fundava uma instituição e só depois é que ia conhecer de Dou-



As massas trabalhadoras incorporaram grandes avanços sociais no século que passou.



A pessoa carente é um espírito encarnado que está aqui, para progredir, ser feliz, tanto quanto nós, mas que momentaneamente passa pela experiência da miséria, da fome, da pobreza.

trina Espírita.

Conteúdo doutrinário e o diálogo com a sociedade

É imprescindível o conhecimento do conteúdo doutrinário. No livro *Estude e Viva*, está escrito assim: “É preciso desentranhar o pensamento vivo de Kardec, tanto quanto ele desentranhou o pensamento vivo do Cristo”.(3) Será que nós conhecemos suficientemente a Doutrina Espírita?

É preciso ter um conhecimento espírita que nos permita fazer uma leitura da realidade? Fazer aquilo que Kardec propôs, que está escrito no capítulo terceiro - o método do Livro dos Médiuns. “O Espiritismo toca em todas as questões que interessam à humanidade”.(4) O Espiritismo pode dialogar, com todo e qualquer conhecimento, com a Psicologia, o Serviço Social, a Pedagogia, a Física Quântica. Tudo isto pode estar à luz do Espiritismo e assim construímos esse conhecimento, dialogando com a sociedade.

As bases e os referenciais que fundamentam a visão espírita do Serviço de Assistência e Promoção Social, não podem ser outros que não sejam Kardec. Agora, não deve ser um referencial ilusionista, excludente, que não nos permita ler, Marx, Freud, Engel, Heidegger. Isto

não vai minar a nossa visão espírita, ao contrário, vai permitir que ilumine este conhecimento, que está aí à disposição de todos nós.

Visão espírita da caridade

O Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita está fundamentado no pensamento de Kardec, na sua concepção de homem e de mundo. O homem carente é visto como um espírito encarnado que está aqui, para progredir, ser feliz, tanto quanto nós, mas que momentaneamente passa pela experiência da miséria, da fome, da pobreza da dor, do álcool, da droga. Esta é a visão Espírita. O Espírita não vê o homem dicotomizado, o vê como uma unidade – espírito e matéria.

A Doutrina Espírita propõe, que a nossa relação com o próximo seja uma relação horizontal, fraterna, por que ele é nosso irmão, filho de Deus, tanto quanto nós somos. Propõe ainda, todo um processo de abordagem, com uma visão voltada para o verdadeiro sentido da caridade “Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”. (5). Vê a caridade como uma dinâmica existencial, não como um conceito platônico, no mundo das idéias, mas como na expressão

de Meimei, “O amor em ação”.(6) É o amor vivido, experienciado.

Mudança do modelo de assistência social espírita

A questão que se coloca é, como podemos sair de um modelo filantrópico – religioso, que se construiu em nome da fé, que vem de 1890, quando foi criado o departamento de assistência ao necessitado, na Federação Espírita Brasileira, com uma prática marcada pelo assistencialismo, pela esmola?

Como sabemos uma mudança não se faz da noite para o dia. É preciso considerar alguns aspectos como:

Primeiro. Entender a necessidade de conviver com estas duas realidades. Não se pode fazer mudanças bruscas. Se não cometeríamos, por exemplo, o erro que cometeu aquela pessoa, que quando lhe foi pedido que, fizesse uma limpeza, ela entendendo literalmente o termo, pegou a água suja, jogou a criança que estava dentro. Não é isto que nós queremos. Não estamos propondo nenhum processo de ruptura, de por abaixo tudo o que foi feito nestes anos de trabalho. Estamos dizendo que está na hora de mudar, de lançar as sementes do novo, experiências inovadoras, que façam com

que a casa espírita avance para os processos condizentes aos tempos de hoje.

Segundo. Entender o sentido etimológico da palavra seminário. É o que vem de semente. Portanto é indispensável lançar sementes, sensibilizar os participantes para o novo, passando do joio para o trigo, na visão de que o velho é o joio.

Terceiro. Entender o binômio proposto por Bezerra de Menezes. Aliar, Amor e Técnica. Tem que haver o amor, pois o que move este trabalho é o amor, mas não se pode descurar da técnica, dos procedimentos, do planejamento, da organização, da capacitação, e do treinamento.

Isto demanda tempo. Por isso é preciso raciocinar como Rui Barbosa, por exemplo, que estabelecia o seguinte raciocínio: A couve, que é rápida para se transformar de semente em couve, tem vida efêmera, fenece com muita rapidez. Quem tem que plantar para a eternidade planta semente de carvalho, que demora muito mais para se

transformar de semente em árvore adulta, mas atravessa os séculos. É uma questão de escolha. O que nós queremos? Plantar sementes para colher rápido, ou queremos plantar para a eternidade? Quem vai trabalhar no social, no humano, tem que fazer esta opção. E neste sentido o tempo está a nosso favor.

Mahtma Gandhi, quando questionado se era possível, viver a não violência que ele pregava e em que dimensão era possível? Ele disse: - Olha! Num país inteiro, como a Índia? Não! Numa região inteira? Não! Numa cidade? Talvez. Mas certamente em algumas comunidades, sim!

John Lennon, disse certa vez: “Pensar globalmente, agir localmente”. O que queremos para o mundo, devemos fazer no local em que vivemos.

A era da contradição e os modelos de amor

A espiritualidade nos diz que estamos numa era de transição da era da Matéria para a era do Espí-

rito. O que marca esta transição é a contradição. Por enquanto o mal, a violência, a droga, a miséria, as guerras. Por isso a espiritualidade propõe a necessidade de desenvolvermos modelos de amor. Modelos, que contribuam para a extirpação do egoísmo. Embora a espiritualidade tenha salientado a dificuldade de extirpar-se inteiramente o egoísmo do coração humano, quando Kardec perguntava aos espíritos, chegar-se-á a conseguí-lo? (8) Os espíritos responderam “A medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais. Depois, necessário é que se reformem as instituições humanas que o entretêm e estimulam o egoísmo. E isso depende da EDUCAÇÃO” (8).

A terra necessita, hoje, de instituições que sejam da era do espírito. Instituições de relações horizontais, amorosas, sem exploração do homem pelo homem, em que os homens se respeitem por razões ético – morais. Instituições inseridas em comunidades, que sejam sementes do mundo novo. Experiências novas do modelo de amor, contribuindo assim, para mudar a sociedade, agregando novos valores.

Façamos das nossas casas espíritas, instituições da era do espírito que assistam e promovam o homem na sua integralidade espírito e matéria.

A terra necessita de instituições espíritas democráticas, amorosas, inseridas na comunidade, assistindo e promovendo o homem na sua integralidade de espírito e matéria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- (1) **CONSTITUINTES. CONSTITUIÇÃO** - República Federativa do Brasil. Brasília.1988;
- (2) **XAVIER, Chico.** Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho. (Obra mediúnica) Humberto de Campos (Espírito). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.
- (3) **Estude e Viva**
- (4) **KARDEC, Allan.** Livro dos Médiuns, 3ª. Parte – O método. Rio de Janeiro. Federação Espírita Brasileira
- (5) **KARDEC, Allan.** O Evangelho Segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro – Federação Espírita Brasileira
- (6) **XAVIER, Chico.** O amor em ação. (obra mediúnica) Meimei (Espírito). Rio de Janeiro. Federação Espírita Brasileira.
- (7) **KARDEC, Allan.** O Evangelho Segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro. Federação Espírita Brasileira
- (8) **KARDEC, Allan.** O Livro dos Espíritos. Terceira Parte Cap.XI. Perg. 886. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

A moeda e a Educação

Lauro Roberto Borba*



Devemos ter cuidado com o assistencialismo sem conteúdo educativo, pois poderemos estar estimulando o comodismo e a estagnação dos assistidos.

A tarde era chuvosa. O outono entrara derrubando as folhas amareladas dos três cinamomos que, enfileirados na frente da pequena casa, escondiam-lhe a fachada envelhecida. Maria, mãe de cinco filhos, tinha, no mais velho, um loirinho de olhos azuis, que faria dez anos no mês de julho, muita esperança. Haveria de crescer sadio, trabalharia na empresa de ônibus e daria muita alegria a ela, ainda pesarosa pela partida do marido que se fora tão prematuramente, vítima da tuberculose.

Ano e meio se passara da triste separação. Os mais pequenos ainda não tinham clara idéia do que acontecera. Maurinho, de três anos, volta e meio perguntava quando é que o pai voltaria. Maria tergiver-sava. Não queria chocá-lo. Sua revolta com Deus era sufocada em favor dos filhos. No fundo, porém, alimentava a esperança de que Deus, que lhe tirara o arrimo da

família, única fonte de sustento dos filhos, lhe reservava alguma coisa melhor em breve.

Da janela onde se encontrava, via a rua e as pessoas passando rápidas. Envolvida em seus pensamentos, cultivava o costumeiro sentimento de autopiedade que a mantinha inerte diante da dor que se lhe instalara no coração desde a morte do marido. Era agora auxiliada pelos amigos para alimentar os filhinhos. De repente teve a sua atenção voltada para Antônia que passava, uma vizinha que se mudara para aquela rua há poucos meses, e que já lhe tinha falado da casa espírita.

- Vá lá! Eles são pessoas de bons sentimentos, ouvir-te-ão, e te auxiliarão no que precisas. Não te entrega mulher!

Tendo lembrado daquele diálogo que dias antes tivera com Antônia, decidiu: Vou lá sim! Hoje é Terça-feira, é dia de atendimento aos pobres, como me falou Antônia.

Caía a tarde, a chuva cessara. À porta simples da casa espírita, dezenas de pessoas, mulheres, crianças e velhos, visivelmente necessitadas, aguardavam atendimento. Uma mulher de rosto sereno, cabelos lisos e claros, olhos profundos, chegou-se à porta, e com voz firme indagou: - Quem está vindo aqui pela primeira vez?

- Eu! Disse Maria, entre envergonhada e ansiosa.

- Venha comigo! Disse-lhe a mulher de cabelos lisos, conduzindo-a com delicadeza até uma sala onde outras pessoas reuniam mantimentos e roupas em sacolas, sobre uma grande mesa.

A mulher de cabelos lisos fê-la sentar-se. Indagou sobre sua família, quantos filhos, suas idades suas condições de saúde atuais, de onde viera para morar naquela vila, etc... tudo anotando em uma folha de papel.

Em seguida deu-lhe duas sacolas, uma contendo alimentos, um pequeno rancho e a outra contendo roupas diversas, recomendando-lhe que voltasse na semana seguinte.

Quem seriam estas pessoas, pensou Maria. Que pessoas boas! De onde tiram tantas coisas para me ajudar? – Graças à Deus que elas existem! Exclamou com alegria, enquanto retornava para casa.

O tempo passou. Três anos transcorreram desde a primeira vez que Maria entrou na casa espírita. Maria continuava a mesma. Triste com a sua situação que não mudou em nada. Os filhos que se achavam em idade escolar, já nem mesmo frequentavam a escola com regularidade, tinham que pedir ajuda pelas esquinas e sinaleiras.

* Advogado e
Dirigente Espírita

Maria, sem estímulo, sem orientação, acomodara-se naquela situação. Continuava pobre não somente em termos materiais, mas também de conhecimento. Não sabia que poderia mudar a sua vida se assim o quisesse. Não sabia que deveria ir à luta, procurar algum tipo de trabalho para sustentar aos filhinhos, não entendia que poderia buscar muito mais do que uma vez por semana o auxílio gratuito, muto útil, mas que a mantinha paralisada. Isto tudo sem pensar que Maria estava dando aos seus filhos o pior dos exemplos – a acomodação.

Soube-se posteriormente que Maria sequer pregava um botão nas roupas dos filhos. Quando não podiam mais usá-las pela simples falta de um botãozinho, Maria buscava outra roupa na casa espírita – eles sempre davam, sem maiores perguntas.

Depois de algum tempo, e de muitas decepções, ao verificarem que muitas Marias se haviam acostumado à uma vida indigna, sem es-

É fácil a doação da moeda. Mas o árduo investimento na educação, certamente é muito mais eficaz na promoção social dos assistidos.

forços, sem vontade de melhorar-se, os trabalhadores da instituição espírita procuraram estudar melhor o atendimento fraterno pela caridade material que realizavam, concluindo que em muitos casos, o melhor seria que dessem da primeira vez, já que a urgência assim o exigia, mas depois, o ideal seria orientar cada família de acordo com suas reais necessidades.

Pessoas jovens, fortes, saudáveis, deveriam ser estimuladas a procurar de todas as maneiras os meios para sua própria subsistência, deixando apenas para os velhos fracos, doentes e as crianças órfãs, o benefício socorrista da caridade material.

A partir daí, então, organizaram palestras orientadoras a todos quantos buscavam a porta amiga da

bendita casa de caridade, com o encaminhamento de todos aqueles que dispunham de melhores condições físicas, para realizarem atividades que lhes pudesse render um salário digno.

A conclusão por fim a que chegaram é de que não basta a caridade material, isto é, repassar apenas o que a casa espírita recebe de suas campanhas internas, para amenizar o frio e a fome momentânea, mas fundamentalmente, dar-lhes instrução, fazendo-os se autovalorizarem, como no velho provérbio: não lhes dê o peixe, ensina-os a pescar.

O que será melhor então – a moeda ou a educação? É bem provável que o mais fácil seja a doação da moeda, porém, o mais eficaz seguramente será a educação.



A verdadeira caridade é ensinar a pescar, e não dar o peixe.

Metodologia e terapêutica espíritas nos trabalhos assistenciais

Elaine Curti Ramazzini*

Objetivo

Discutir a metodologia e as terapêuticas espíritas nos trabalhos assistenciais dando-se ênfase ao aspecto da relação entre o assistido e o trabalhador dessa área.

“... Mas, um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e, tendo-o visto, foi tocado de compaixão. Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e as pensou: depois, pondo-o no seu cavalo, o levou a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo:”Trata muito bem deste homem e tudo o que dispenderes a mais, eu te pagarei quando regressar...”(LUCAS, Cap.X,V.25 a 37).

No final da Parábola do Bom Samaritano, Jesus apresenta a metodologia do trabalho de assistência ao mais necessitado como um convite às criaturas para que procedam da mesma forma que o homem-modelo dessa narrativa.

Parar para ouvir o caído na estrada, cuidar com os recursos materiais de que dispunha (óleo e vinho), levá-lo até a hospedaria e interessar-se pelo seu estado até o seu retorno – acompanhamento – constituem diretrizes seguras para a assistência ao carente num sentido cristão.

A parábola nos dá conta do atendimento ao homem em sentido integral: tanto do corpo como do espírito, bem como no aspecto da relação assistido-voluntário. Dentro dessa perspectiva, o ser não pode tornar-se inteiro somente através de uma relação consigo mesmo, mas principalmente por meio de uma relação com o outro. E este outro pode ser tão limitado e condicionado quanto ele, mas, no existir juntos, o ilimitado e o incondicionado são experienciados. A espiritualidade é relacional.

1. “Mas um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e, tendo-o visto, foi tocado de

compaixão. Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e as pensou...”

Em trabalhos assistenciais, o estar com o outro se refere à esfera da qual todos participamos quando estamos envolvidos e verdadeiramente interessados em outra pessoa. Incluir o outro nesta relação é transcender o sentido de identidade que normalmente conhecemos. “O que me faz humano é ser no mundo com os outros” - assevera Martin Heidegger (5). Incluir significa confirmar o outro, quando a pessoa se coloca no lugar dele, imagina e passa por aquilo que ele experencia. Somente conscientizando-nos de como somos com outras pessoas e como elas são conosco é que nos tornamos verdadeiramente nós mesmos e nos conhecemos.

Foi Martin Buber, no século XX, o principal expositor da filosofia do inter-humano – a filosofia dialógica. Além de filósofo, educador e humanista, Buber sentiu o colapso do relacionamento na civilização moderna, o que provoca um distanciamento maior entre as pessoas. O termo “dialógico” não se refere a um “discurso”, como tal, mas ao fato de que a existência humana, em seu nível mais fundamental, é inerentemente relacional. É difícil para as pessoas, no mundo moderno, aceitarem que “a individualidade” é somente um dos pólos de uma relação bipolar.

Para Buber, o significado do inter-humano “... não será encontrado em qualquer um dos dois parceiros, nem nos dois juntos, mas somente no diálogo entre eles, no entre que é vivido por ambos” (2).



No mundo moderno não seguimos o exemplo do bom samaritano e permanecemos distantes de uma relação genuinamente fraterna com o nosso próximo em necessidade.

* Psicóloga e Dirigente Espírita

Sua realidade é maior que cada um dos dois indivíduos. Ambos os aspectos são parte de uma esfera mais ampla – o inter-humano. Tanto o individual quanto à relação estão contidos na esfera do entre.

O dialógico que acontece na esfera do entre é marcado por duas polaridades, o EU-TU e o EU-ISSO. Ambas são um reflexo das duas atitudes primárias que o ser humano pode assumir ao se relacionar com os outros e com o mundo em geral.

A relação EU-TU é uma atitude de genuíno interesse na pessoa com quem estamos verdadeiramente interagindo como pessoa. Isso significa que valorizamos sua alteridade. Alteridade significa o reconhecimento da singularidade e a nítida separação do outro em relação a nós, sem que fique esquecida nossa relação e nossa humanidade comum subjacente. A pessoa é um fim em si mesma e não um meio para atingir um fim. Reconhecemos que somos uma parte dessa pessoa. A atitude com que me aproximo do outro é, também, atitude com que me aproximo de mim mesmo. Se, valorizo o outro, isso reflete minha própria autovalorização. É só no contato pelo encontro EU-TU que a unicidade de cada pessoa se desenvolve.

Em contraste, a relação EU-ISSO ocorre quando a outra pessoa é, essencialmente, um “objeto” para nós – utilizado, primariamente, como meio para um fim. A atitude EU-ISSO é um aspecto necessário na vida humana e não é a existência da atitude EU-ISSO que está “errada”. Mas sim, a preponderância esmagadora com que se manifesta na moderna sociedade e mesmo nos meios espíritas. Vemos no assistido o “objeto” de nossas realizações no campo da assistência social, deixando de lado o encontro genuíno que deve haver entre nós e o assistido. (“Minha casa distribuiu este mês mais de mil pra-



A relação EU-TU é uma atitude de interesse na pessoa com quem estamos interagindo, onde ela não é um objeto, um meio para um fim.

tos de sopa...”, dizem alguns.) A postura EU-ISSO torna-se, então, a orientação primordial em relação aos reais objetivos que devem subsistir numa assistência espírita, quais sejam, os de renovação e educação do ser humano.

Assim sendo, o diálogo genuíno somente pode emergir se duas pessoas estiverem disponíveis para ir além da atitude EU-ISSO e valorizarem, aceitarem e apreciarem verdadeiramente a alteridade da outra pessoa. “Cada Tu único é um vislumbre em direção ao Tu eterno: por meio de cada Tu único o mundo primordial busca o Tu eterno.”(2) Em notas à questão 617-a, de O Livro dos Espíritos, explicando as Leis Morais, Allan Kardec discorre de maneira insofismável sobre essa condição básica de existir com outro para que se possa, realmente, ser com Deus (3).

Na lição da parábola em estudo, Jesus exorta-nos para a necessidade de estar com o outro e estugar o passo para ouvi-lo, a fim de sermos com ele no entre

relacional, fazendo com que sempre floresça e paire entre nós ambos o “sentimento de companheirismo” nessa jornada de busca do ser eterno que a todos nos irmana num processo de evolução individual e coletivo.

2. “... depois, pondo-o no seu cavalo, o levou a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: “Trata muito bem deste homem e tudo o que despenderes a mais, eu te pagarei quando regressar...”

O verbo utilizado por Jesus e que identifica a ação a ser vivenciada com o necessitado foi o cuidar.

Refletindo sobre o serviço assistencial em moldes espíritas, constatamos que cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Abrange, portanto, mais que um momento de atenção, de zelo e de des-

velo. “Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro.”(1)

Do ponto de vista existencial, o cuidado se acha *a priori*, antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato. O cuidado existe no ser humano, mesmo antes de ele executar algo. Sua ação no mundo se caracteriza sempre de cuidado. Daí porque se considera o cuidado como a maneira-de-ser primordial e essencial do ser humano. É como o ser se identifica, se dá a conhecer e é-no-mundo-com-outros, “preocupando-se com as pessoas, dedicando-se àquilo que lhe representa importância e valor e dispondo-se a sofrer e a alegrar-se com quem se sente unido e ama...”(1)

O ser humano é um ser de cuidado e é no cuidado que identificamos a essência do homem. Ora, o descuido e o descaso pela dimen-

são espiritual do se humano descaracterizam a própria essência do homem e tem-se observado um abandono da reverência para cuidar da vida e de sua fragilidade... (1).

A dimensão dialógica do ser humano confirma a dimensão do cuidado. O cuidado somente aparece quando a existência do outro é primordial para mim. Só então passo a dedicar-me a ele; conscientizo-me quanto à necessidade de participar de sua vida, de suas dores, de suas aquisições. Essa é a atitude preconizada pelo cuidado: a maneira de ser mediante a qual a criatura sai de si para ser com o outro, com desvelo e solicitude. É um modo de ser, é a forma como a pessoa se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Nessa coexistência a criatura vai construindo o seu próprio *self*, a sua identidade e a sua autoconsciência.

Caminhando *pari passu* com a noção de cuidado, surge o equilí-

brio entre o modo-de-ser do trabalho exclusivamente trabalho e o modo-de-ser do cuidado, aqui entendido como motivação, interesse, preocupação e amor. O cuidado, assim se completa pelo trabalho, que lhe confere uma nuance diferente. Pelo cuidado não vemos a natureza e tudo o que nela existe como objetos (EU-ISSO), mas a relação genuína EU-TU, pois experimentamos o outro em toda a sua plenitude e potencialidade.

Cuidar do outro é preocupar-se com o seu bem-estar, acompanhando-o, de início e por algum tempo, para que, depois, ele busque condições de se autoapoiar. Tal o aspecto promocional do trabalho de assistência ao carente sócio-economicamente considerado: fazê-lo partícipe de sua própria evolução, construindo-se a si mesmo e elevando-se espiritualmente. Os Espíritos Maiores alertam-nos: “Não pode a alma elevar-se às altas regiões espirituais, senão pelo devotamento ao próximo; somente nos arroubos da caridade encontra ela ventura e consolação...”(4) Esta constitui a verdadeira *praxis* espírita da atividade social transformadora do ser integral, uma vez que corresponde ao real conhecimento e vivência da verdade que nos fará realmente livres.

***Cuidar é mais que um ato.
É uma atitude de ocupação, preocupação,
responsabilidade e envolvimento afetivo
com o outro.***



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) BOFF, L. Saber cuidar – ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, ED. Vozes, 1999.
- (2) BUBER, M. Eu e Tu. S.Paulo, Editora Moraes, 1974.
- (3) KARDEC, A. O Livro dos Espíritos 35ª. ed. S.Paulo, LAKE, 1977
- (4) KARDEC A. O Evangelho segundo o Espiritismo. 51ª ed., Rio de Janeiro, FEB – Federação Espírita Brasileira – Depto. Editorial, 1960.
- (5) HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Petrópolis, Ed. Vozes, 1989.

O serviço de assistência e promoção social espírita:

Objetivos, características e finalidade educativa

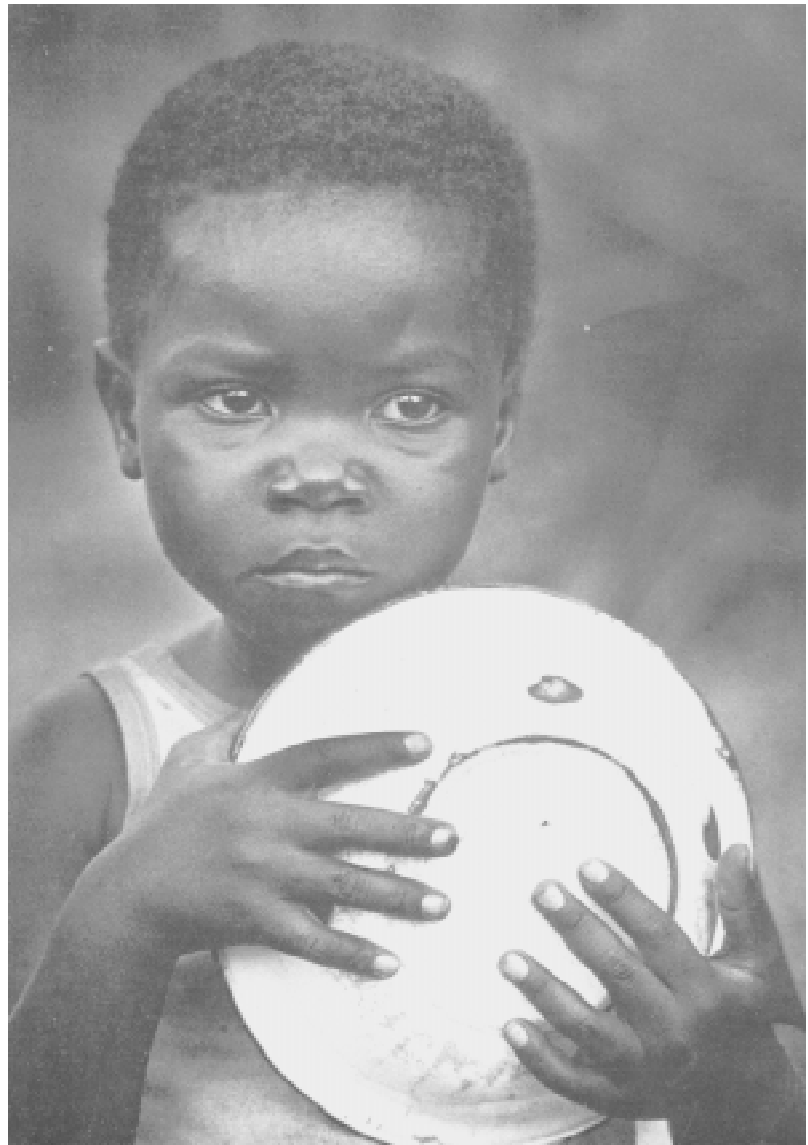
José Carlos da Silva Silveira*

O programa de assistência aos necessitados sociais de todos os tempos é apresentado por Jesus na narrativa evangélica O Grande Julgamento, nos seguintes termos:

“...Vinde benditos de meu Pai, tomai posse do reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo; - porquanto, tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; careci de teto e me hospedastes; - estive nu e me vestistes; achei-me doente e me visitastes; estive preso e me fostes ver. Então, responder-lhe-ão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber?- Quando foi que te vimos sem teto e te hospedamos; ou despido e te vestimos? - E quando foi que te soubemos doente ou preso e formos visitar-te? - O Rei lhes responderá: Em verdade vos digo, todas as vezes que isso fizeste, a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes...” “... Todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequenos, deixastes de tê-la para comigo mesmo...” (Mateus, 25:31-46).

Por encerrar as diretrizes do pensamento espírita, esse programa constitui a base da Assistência e Promoção Social Espírita, conforme consta no capítulo IX do opúsculo Orientação ao Centro Espírita, 4ª ed. FEB, 1996.

Quando se examina a passagem evangélica em referência,



Quando o Evangelho fala de atender a fome, não está tratando só da material, mas fundamentalmente das carências espirituais da criatura encarnada.

uma pergunta se impõe: Em que se fundamentou o Julgamento? Com certeza, não foi em questões de ordem material ou religiosa. O veredicto do rei se baseou tão-somente na prestação da assistência. Note-se, entretanto, que Jesus não diz, simplesmente: sois benditos porque ajudastes. Seria muito pessoal, não realçaria o envolvimento afetivo que deve existir entre as criaturas. Prefere situar o ensino em torno das necessidades

humanas, e, para dar maior força ao ensinamento, se coloca na situação do carente de assistência, dizendo: “tive fome”, “tive sede”, “careci de teto”, “estive nu”, “achei-me doente”, “estive preso”. Estimula, assim, o sentimento de piedade ou compaixão pelos que sofrem, sentimento esse que é o

* Diretor do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita - SAPSE das comissões regionais do CFN - FEB.

móvel da prestação da assistência.

Ressalte-se, ainda, nesta passagem evangélica, o que se dá em relação a todos os ensinamentos de Jesus: a possibilidade de ver através da letra e perceber a amplitude da mensagem aí contida. Assim, aqui, a fome, a sede, a carência de teto não são, na verdade, apenas materiais, mas abrangem os reclamos espirituais do necessitado. De igual modo, a nudez, a doença e a prisão exprimem também os estados de penúria moral da alma, debilitada pelas próprias imperfeições, ou cativa dos sentimentos inferiores que ainda carrega consigo. Todas essas situações constituem apelos ao coração, estimulando a prestação da assistência. Os que estavam à direita do Rei foram tocados interiormente e compreenderam o chamado que lhes fora endereçado. Daí terem recebido a recompensa merecida. Os que estavam à sua esquerda, entretanto, não sentiram compaixão pelos necessitados, não os ajudaram em suas carências, passando a sofrer as consequências da sua indiferença.

Esse ensinamento traz à discussão a questão da caridade. O verdadeiro sentido da caridade ensinada por Jesus é revelado pelos Espíritos Superiores em O Livro dos Espíritos, questão 886, in verbis:

Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus? Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.

A caridade, assim, não se restringe à esmola - com a qual é freqüentemente confundida -, mas abrangem os sentimentos de benevolência, de indulgência e de perdão, sentimentos esses que constituem a base da harmonia entre os homens. A exortação à caridade se encontra presente na lição contida em O Grande Julgamento, uma vez que o atendimento às carências humanas - tanto materiais, como morais ou espirituais - reclama o comprometimento afetivo entre

A caridade real necessita ser também educação, sem a qual os sentimentos de benevolência, indulgência e perdão permanecem superficiais, incapazes de levantar os caídos ante as dificuldades da existência.

quem ajuda e quem é ajudado, e esse comprometimento apenas se concretiza onde há os sentimentos de benevolência, de indulgência e de perdão.

Pode-se dizer, assim, à luz desses ensinamentos, que o Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita se caracteriza, acima de tudo, pela busca da promoção do ser humano, uma vez que procuram oferecer-lhe condições para que supere a situação de penúria sócio-econômico-moral-espiritual em que se encontra. Para isso, não basta doar-lhe bens materiais - procedimento que, quando dissociado dos objetivos promocionais, evidencia a prática do assistencialismo, que alimenta e protege tão-somente o corpo - que morre - e se descuida do Espírito - que viverá sempre. É imprescindível educá-lo, estimulando-o a descobrir dentro de si os valores positivos que todos nós trazemos, a fim de que ele se torne agente da sua própria promoção.

A caridade, profundamente considerada, leva ao entendimento da necessidade da educação, sem a qual a benevolência, a indulgência e o perdão - conteúdos da caridade - se tornam sentimentos superficiais porque não ajudam a levantar-se aquele que caiu ante as dificuldades da existência. Ressalte-se, contudo, que o processo educativo abrange não só aquele que se encontra em estado de penúria social mas também o voluntário - o trabalhador do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, que necessita educar-se por esforços continuados no sentido da sua

transformação moral.

A educação é, com efeito, um processo de auto-evangelização, pelo qual nos tornamos, pouco a pouco, autênticos homens de bem, pela prática da benevolência, da indulgência, e do perdão. Neste contexto, pode-se mesmo dizer que o contato direto com as necessidades materiais, morais e espirituais do próximo, expostas de modo ostensivo - sem nenhuma preocupação pela aparência social - por aquele que, em estado de penúria material, bate às portas da instituição espírita, desenvolve no trabalhador do DAPSE o sentimento de compaixão - ponto básico para a vivência da caridade. Por outro lado, ao acolhermos o atendido pelo DAPSE com simpatia e respeito, procurando ver nele um irmão em Cristo, oferecer-lhes-emos oportunidade para que se ligue também a nós pelos laços da fraternidade. Assim, à medida que o trabalhador espírita se esforça por ajudar, em profundidade, o irmão que se apresenta social, moral e espiritualmente carente, ele também cresce, libertando-se do egoísmo e tornando-se cada vez mais consciente das suas responsabilidades diante da vida. Para que tudo isso se verifique, todavia, é necessário criar espaços de convivência ou interação grupal, que permitam às pessoas se interrelacionarem, trocar experiências e aprofundarem laços afetivos. Essa a finalidade, eminentemente educativa, do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita.

Por outro lado, o conhecimento espírita pode constituir-se em fator

decisivo para a promoção do ser humano, uma vez que esclarece a razão do sofrimento e o sentido da vida. Daí a necessidade de se apresentar a visão espírita da existência, àqueles que, atendidos pelo setor assistencial do Centro Espírita, se mostrarem receptivos ao Espiritismo. A oportunidade, para isso, se apresenta naturalmente dentro do processo de integração e construção de relações vivenciadas nos grupos de convivência.

É nesses grupos que a Doutrina Espírita pode ser apresentada, sem imposições, como instrumento de promoção do ser. Pode-se mesmo dizer que o pensamento espírita é o grande traço que distingue o Serviço de Assistência e Promoção Social realizado pelo Movimento Espírita e o trabalho assistencial exis-

tente em outros setores da sociedade, razão por que não pode deixar de estar presente como norteador das atividades assistenciais do Centro Espírita.

Sendo assim — conforme consta no Manual de Apoio para as atividades do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, elaborado, em conjunto, pela FEB e pelas Federativas Estaduais —, à vista das suas características gerais e da sua finalidade educativa, o DAPSE buscará atingir os seguintes objetivos:

- Atender às famílias incluídas na programação assistencial do Centro Espírita, conjugando sempre a ajuda material, o socorro espiritual e a orientação doutrinária, sem imposições, visando à sua promoção social, “de modo que possa constituir-se em um dos

meios para a libertação espiritual do homem, finalidade primordial da Doutrina Espírita”. (OCE, Cap. IX, item 1-a).

• Promover o indivíduo e a família carente, no aspecto bio-psico-sócio-espiritual, à luz da Doutrina Espírita, possibilitando-lhes refletir na grandeza da Codificação Kardequiana e conscientizando-os quanto às possibilidades de mudanças tanto na vida exterior como na interior.

• Proporcionar ao frequentador do Centro Espírita “oportunidade de exercitar o seu aprimoramento íntimo pela vivência do Evangelho” junto aos indivíduos e às famílias em situação de carência sócio-econômico-moral-espiritual. (A Adequação ao Centro Espírita para o Melhor Atendimento de Suas Finalidades – ACE, Considerando 6).

Em suma, ao unir os nossos esforços em torno desses objetivos, estaremos cumprindo não apenas o programa assistencial apresentado por Jesus, como também possibilitando aos necessitados sociais a oportunidade de acesso ao conhecimento espírita, fator que poderá ser decisivo para a sua promoção.

***O pensamento doutrinário
deverá integrar as nossas atividades
assistenciais porque é o grande
diferencial do Serviço de Assistência
e Promoção Social espírita em
relação aos demais.***



Intervenções junto às famílias devem contemplar tanto os aspectos físicos como espirituais.

A visão sistemática do centro espírita aplicado a assistência social

Nilton Stamm de Andrade*

Denomina-se visão sistêmica a maneira de pensar o sistema, visualizando os fatores internos e externos de cada elemento, conectando-o com o todo. Ela permite o reconhecimento pleno da função e da interação de cada subsistema, assim como dos macrosistemas complexos dentro dos quais as instituições têm de operar.

Os conceitos sistêmicos criam uma maneira de pensar, a qual, de um lado, ajuda o dirigente a reconhecer a natureza dos problemas complexos e, por isso, concorre diretamente para que opere dentro do meio ambiente. Reconhece a natureza integrada do sistema, inclusive o fato de existirem “entradas” e “saídas” e, ainda, que cada sistema sempre fará parte de sistemas maiores, jamais buscando isolar-se.

Os Sistemas funcionam através dos seguintes elementos:

Entrada – São os recursos, materiais e informações para operação dos sistemas.

Saídas -. São os resultados e as finalidades da operação dos sistemas.

Processamento – Fenômeno que produz as mudanças, convertendo as entradas em saídas (resultados).

Retroalimentação - É a capacidade do sistema de reajustar sua conduta em função do desempenho ocorrido. É um mecanismo de monitoramento.



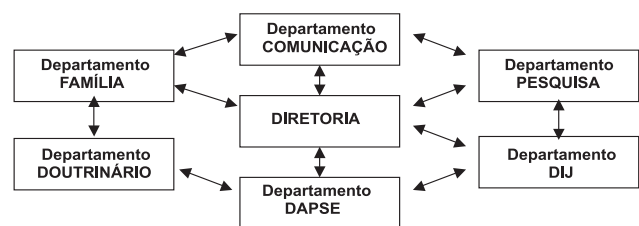
Quando aplicada às organizações, como no caso dos centros espíritas, a visão sistêmica tem ampla condição de verificar as conseqüências e os resultados das ações administrativas empreendidas para que sejam alcançados os objetivos das instituições.

Em nossa apreciação, agora voltada para o sistema Centro Espírita, é necessário considerar muito bem definido, os objetivos da instituição. Estes são, basicamente, o de esclarecer e o de consolar à luz do Espiritismo e do Evangelho de Jesus, bem como, a necessidade de se participar ativamente do Movimento Espírita. É primordial, ainda, considerar de forma superior o próprio objetivo da Doutrina Espírita – o de ser um agente da imprescindível transformação moral da criatura humana.

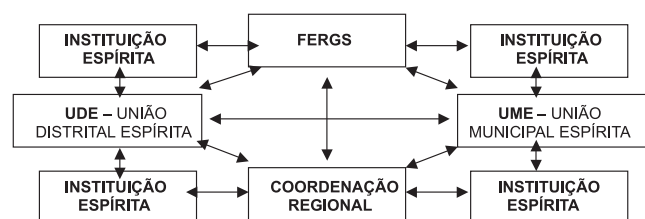
Por outra vertente, ao analisarmos o organograma de uma instituição espírita, deveremos pensar de uma

forma mais abrangente, não considerando os seus diversos departamentos e setores de trabalho de forma isolada, mas sim observando um conjunto estabelecido onde as inter-relações irão gerar uma estrutura em rede.

Citamos alguns exemplos de estruturas em REDE no movimento espírita



Destaque para o interrelacionamento das estruturas em rede

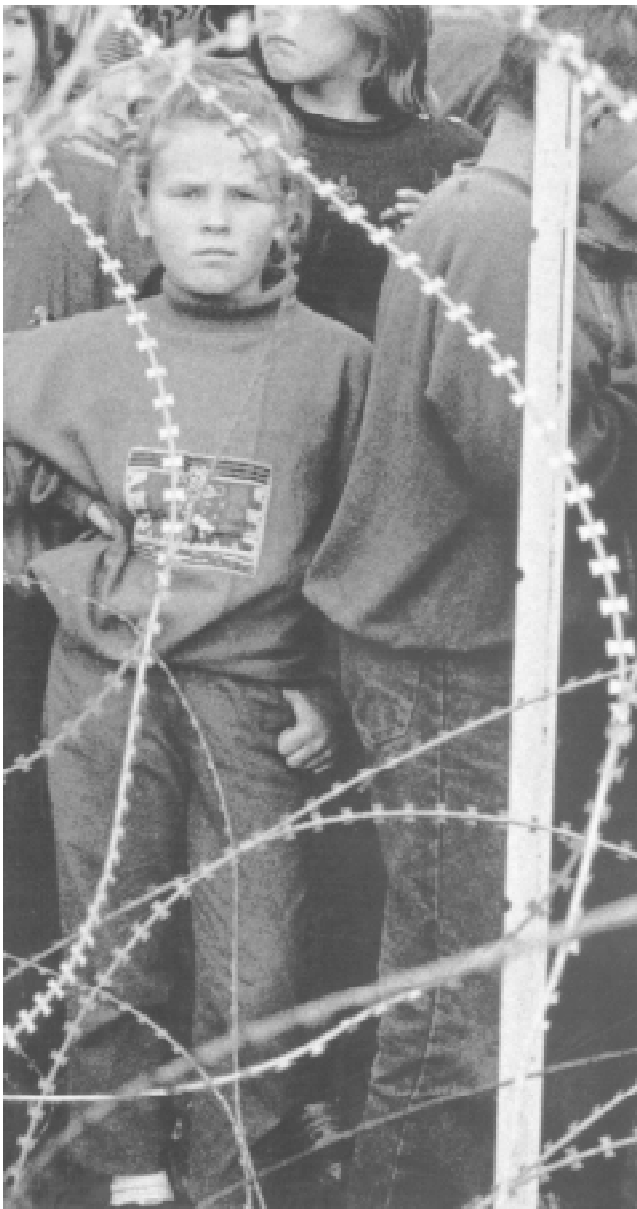


Surge a necessidade da implementação de uma nova rede de relações, de caráter interdepartamental, abrangendo dirigentes, trabalhadores, freqüentadores e assistidos, todos elementos do universo das tarefas a serem criadas. Compreender a importância fundamental de serem estabelecidas as interações possíveis dentro da instituição Centro Espírita, definindo estas interações como sendo “ações dinâmicas entre dirigentes, trabalhadores, freqüentadores e assistidos visando o processo contínuo de participação e diálogo, produzindo-se necessariamente espaços de convivências em todas as interfaces, amplamente sustentadas por sólidos conhecimentos doutrinários”.

Desta forma podemos concluir que a visão sistêmica do Centro Espírita, resumidamente, estabelece:

- A integração de todas as pessoas que convivem na instituição;
- Um sistema aberto consagrado pelo amplo e franco relacionamento com o meio ambiente onde esteja inserido seja este, a comunidade ou o Movimento Espírita;

* Diretor do Departamento de Pesquisa e Estudo – DEPE da FERGS.



O objetivo da ação social espírita é a libertação do assistido, não dos efeitos da miséria, mas das causas geradoras..

- Uma rede de relações setoriais, onde cada área é uma forma de manifestação do todo;
- Um modelo administrativo compartilhado por todos os sócios efetivos;
- Uma gerência democrática e executiva;

A missão do DAPSE

Nos dias atuais, a instituição espírita, no cumprimento de seus objetivos, deverá prestar serviços de natureza assistencial e de promoção social, sem prejuízos das atividades que lhe são prioritárias, ou seja, as de caráter doutrinário. A assistência social se constitui na PONTE DE TRANSPOSIÇÃO da DOCTRINA para a VIDA. Além disso, por sua característica especial, o DAPSE se constitui no laboratório ideal para se construir pontes de comunicação com a sociedade (macrosistema), tanto do ponto de vista teórico, como prático. A assistência e promoção social espírita, pelas interações que estabelece, oportunizará um trabalho de contato direto com as comunidades carentes no seu ambiente familiar, comunitário ou no próprio ambiente da instituição espírita.

O trabalho de assistência e promoção social espírita no Espiritismo tem como objetivo, como assevera Divaldo. “Promover o homem libertando-o, não dos efeitos da miséria que o leva ao sofrimento, mas de suas causas geradoras”. (1) Assim, a maior ação que se pode realizar é a de ajudar o indivíduo a encontrar as raízes do seu erro, para poder libertar-se dele, enquanto não logra a cometimento de se libertar das causas passadas, aquelas que o levaram a delinquir, tornando-o um atormentado ou sofredor. Daí, a assistência social, a caridade material, sem a caridade moral da iluminação do beneficiado, serem paliativos cujos efeitos logo desaparecem, porque, não erradicadas as causas, permanecem-lhes as conseqüências, por isso ao emprendermos uma tarefa assistencial devemos ter em mira a iluminação do beneficiado, a fim de que ele não gere novos fatores desencadeadores de problemas para o futuro. É a caridade gentil, que lhe alberga a dor, mas que também prepara o indivíduo para futuros cometimentos reencarnacionistas.

Visão Sistêmica do DAPSE

Atentando para as peculiaridades da tarefa do DAPSE apresentamos, a seguir, itens das atividades departamentais que devem se desenvolver dentro da estrutura de rede do Centro Espírita e do Movimento como um todo.

Como um elemento do sistema Centro Espírita, o DAPSE deverá valorizar sobremaneira o inter-relacionamento de seus trabalhadores através de um diálogo franco e aberto, estabelecendo-se um todo onde a compreensão do objetivo da tarefa a ser concretizada esteja muito bem definido e aceita.

O Departamento obedecerá a um cuidadoso planejamento, atentando para os aspectos de recursos humanos e financeiros, sobretudo quando envolva despesas permanentes, como no caso de abrigos, creches, orfanatos e outros, a fim de evitar deficiente atendimento, ou mesmo paralisação por falta de recursos. Por outro lado, o subsistema deverá abrigar um setor de treinamento, pelo qual se irá conduzir o processo de formação de recursos humanos conscientes e qualificados tecnicamente, dentro da concepção do aprimoramento contínuo.

Antes de iniciar suas ações o Departamento deverá realizar um diagnóstico das necessidades do público que pretende assistir, levantando dados à respeito do meio ambiente (comunidade) onde irá interagir e, em função

A assistência social se constitui na ponte de transposição da Doutrina para a vida.

dos resultados obtidos e sua compreensão, estabelecerá um Programa de Trabalho, fixando metas tendentes, a curto, médio e longo prazo.

Já na prática das ações efetivas de assistência e promoção social espírita, o Departamento deverá interagir na comunidade socialmente necessitada dentro dos princípios da Doutrina Espírita, repudiando as ações comprovadamente assistencialistas e, em contrapartida, aplicando os conceitos da verdadeira caridade, segundo a entende o Mestre Jesus.

Deverá o Departamento atuar dentro das normas estabelecidas pelo macrosistema Movimento Espírita, fundamentadas no opúsculo “Orientação ao Centro Espírita” (Capítulo IX) e no “Manual de Apoio para as Atividades do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita”, ambos editados pelo Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira. De igual forma, deverá nortear suas ações pelas diretrizes recomendadas pelo macrosistema Federativa Estadual ao qual esteja vinculado.



"Assistir" não é fazer pelo outro, criando dependência, mas levá-lo a autonomamente manter a sua família, pelo trabalho.

Os centros espíritas devem evitar o isolacionismo, integrando-se e cooperando nas ações comunitárias e nas atividades de outras instituições espíritas.

Ampliando nossas considerações e tendo agora como foco de nossas assertivas o Centro Espírita comprometido com a denominada “questão social”, labutando para aliviar a dor e as dificuldades das criaturas socialmente necessitadas dentro de uma proposta definitivamente educadora, sugere-se que este deva procurar sua integração em programas e sistemas mais amplos encontrados na diversidade do macrosistema, de modo a desenvolver uma ação comum, capaz de, a seu nível, melhor responder aos problemas sociais.

Por exemplo, os centros espíritas situados na mesma comunidade, que realizam trabalhos assistenciais semelhantes, devem avaliar a possibilidade de os mesmos serem realizados em cooperação mútua – atividade em rede. Tal posicionamento propiciará uma soma de experiências e esforços, atendimento efetivo da população carente, o crescimento do trabalho em grupo, melhor condução dos custos operacionais, a união dos espíritas e a vivência do ideal de Unificação.

Tal visão ajudará a afastar definitivamente a nefasta posição tomada por inúmeros centros espíritas, a de total “isolacionismo”, atitude profundamente contraditória com a essência cristã da Doutrina Espírita, com sua vocação social e pedagógica.

Outro exemplo seria a benéfica participação dos espíritas em Conselhos Municipais de Assistência Social, Conselhos Tutelares, Secretarias de Assistência Social, etc., dando sua participação e, principalmente, sua visão sustentada pelos princípios doutrinários propostos pelo Espiritismo, estabelecendo, desta forma e cada vez mais, eficientes canais de comunicação com a sociedade.

Assim, o Centro Espírita deverá se conscientizar de que já não mais vivemos no tempo em que “assistir” era fazer pelo outro, criando dependência (assistencialismo), mas que as atuais técnicas de assistência social, especialmente com a contribuição do Espiritismo, assinalam como vetor para as ações de amparo ao próximo, a promoção social – a promoção integral do homem. Será por meio da educação moral que se irá sensibilizar o indivíduo para que ele desperte para as suas responsabilidades e tome consciência de si mesmo e da vida da qual é o beneficiário, passando a conduzir, e administrar sua vida e a do grupo familiar no qual esteja

inserido. Nesta nova concepção, ele e todos os seus familiares serão incluídos nos programas assistenciais da Casa Espírita contribuindo na reprogramação de sua trajetória evolutiva.

No macrosistema do Movimento Espírita, o DAPSE atuando em rede, poderá influir de forma decisiva nos seguimentos sociais, estimulando a criação de creches, orfanatos, asilos, cursos semiprofissionalizantes, etc. Deverá atuar de forma preventiva, convocando suas instituições adesas para, sistematicamente, conscientizar a criatura da importância do amor a si mesmo, vencendo a ignorância, o egoísmo e os vícios, afastando-se das culpas através do auto-perdão, divino instrumento de paz interior.

Nas atividades do DAPSE no Centro Espírita, de-

ver-se-á entender a necessidade de serem evitadas improvisações, reconhecendo a importância do planejamento, avaliação e tomada de ações corretivas. Configura-se assim, a ocorrência da retroalimentação, um procedimento sistêmico que fatalmente gerará mudanças, que geram naturalmente resistências em diversos graus, dando origem a toda sorte de conflitos! Por isso, as práticas do diálogo e da vivência são virtudes a serem adquiridas pelas equipes do DAPSE na Casa Espírita.

Concluimos apresentando um conjunto de virtudes a serem trabalhadas pela equipe departamental do DAPSE em relação às regras da visão sistêmica e de qualidade, considerando, ainda, as características principais deste mesmo atendimento.

REGRAS DE ATENDIMENTO	CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS	VALORES A SEREM DESENVOLVIDOS
ATENDIMENTO AO ASSISTIDO	Priorização, colocando o assistido em primeiro lugar	Consideração, humildade e transparência na tarefa. Amor e Caridade.
GERÊNCIA PARTICIPATIVA	Abrir espaço para novas idéias dos dirigentes e da equipe, buscando-se a convergência de valores e idéias	Cooperação, flexibilidade, respeito e abertura.
DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS HUMANOS	Colocar a equipe de trabalho como o bem maior do subsistema e do sistema.	Sentimento de humanidade, colaboração e espírito de compartilhamento
CONSTÂNCIA DE PROPÓSITOS	Repetição e reforço na implementação dos princípios de qualidade. Atitudes dignas e cobranças sem caprichos.	Determinação, persistência, confiança, coragem e paciência.
APERFEIÇOAMENTO CONTÍNUO	Acompanhamento preciso das mudanças necessárias e das exigências de uma sociedade e de pessoas em processo de transformação.	Precisão, ousadia, disciplina, visão, criatividade, entusiasmo.
DELEGAÇÃO	Transmissão de tarefas e de responsabilidades às pessoas certas	Percepção do verdadeiro valor das pessoas, comunicação clara e recíproca.
GARANTIA DE QUALIDADE	Sistematização do processo que visem dar consistência ao processo de assistir	Precisão, disciplina, transparência, honestidade, planejamento, retroalimentação.
GERÊNCIA DE PROCESSOS	Integração entre a equipe departamental e os assistidos	União, cooperação, espírito de equipe, capacidade de síntese, solidariedade
NÃO ACEITAÇÃO DO ERRO	Manutenção permanente da meta zero erro	Precisão, disciplina, determinação, e zelo
DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO	Transparência e frequência no fluxo de informações sobre os planos de mudanças	Clareza de idéias, tato, jogo de cintura, respeito, diálogo.

Nas dificuldades da hora presente, quando a miséria de toda ordem parece expandir-se, caberá ao Centro Espírita preparar-se para, de forma efetiva, ser “grande”, adequando-se para atender o carente nas suas necessidades físicas e materiais certamente, mas, de forma imprescindível, atendê-lo nas suas necessidades espirituais de autodescobrimento e ganho de consciência.

A legislação de assistência social e as instituições assistenciais

Fernando Lopes Alves*



A Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS, passa a partir de dezembro de 1993, a constituir-se no estatuto que rege as relações entre o Estado e a Sociedade, para consolidação do direito social de assistência, dentro do contexto da seguridade social.

Essa lei federal de nº. 8.742, que regulamenta os artigos 203 e 204 da constituição federal, bem como o decreto nº. 1.605, de 25 de agosto de 1995, que regulamenta o Fundo Nacional de Assistência Social e a Lei nº. 9.720, de 30 de novembro de 1998, que dá nova redação a dispositivos da Lei nº. 8.742, que dispõe sobre a organização da Assistência Social, e dá outras providências, seguem as diretrizes presentes em outros artigos constitu-

cionais, quais sejam: a descentralização político-administrativa e a participação da população na formulação e no controle das políticas.

A LOAS estabelece novas estruturas de gestão, que são os conselhos e fundos, definindo também as competências das três esferas de governo, tanto na gestão como no financiamento.

As ações de assistência social, organizadas nas três esferas de governo, realizam-se de forma articulada, cabendo a coordenação e as normas gerais à esfera federal e a coordenação e execução dos benefícios, serviços, programas e projetos, em suas respectivas esferas e dimensões aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios.

Desta forma, a Assistência So-

cial deve ser prestada através dos Municípios, seguindo a política de descentralização consubstanciada na Constituição Federal.

A descentralização da assistência social ocorre a partir da decisão do governo municipal de organizar o seu Sistema de Assistência Social, em cumprimento aos requisitos e às normas relativas ao modelo de gestão. Consequentemente assume a responsabilidade de formalização e gestão da política em seu âmbito.

O sistema organizado é expresso pela rede prestadora de serviços assistenciais, voltadas para as necessidades do conjunto da população.

Neste contexto, estão inseridas as instituições espíritas de assistência social que se fazem ouvir através dos foros da sociedade civil organizada.

As diretrizes do texto constitucional para a assistência social: descentralização administrativa e a participação popular.

* FERNANDO LOPES ALVES
Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. 1º. Vice-presidente do Instituto Espírita Amigo Germano. Membro do Conselho Estadual de Assistência Social. Membro do Conselho Consultivo da FADERS.

Os fundos de assistência social materializam na área financeira o novo espírito de democratização e descentralização proposto pela Constituição.



O Município que está em gestão municipal recebe recursos federais do Fundo Nacional de Assistência Social e os repassa para as entidades através do Fundo Municipal de Assistência Social, sendo considerado os projetos apresentados pelas instituições.

As instituições de assistência social somente podem ter acesso aos recursos dos fundos através de projetos encaminhados ao Conselho Municipal de Educação ou, no caso de não existisse Conselho no Município, ao órgão governamental responsável pela política de assistência social.

A democratização da gestão financeira se materializa na instituição e funcionamento dos Fundos de

Assistência Social, nos três níveis de governo, de acordo com a legislação específica.

O Fundo de Assistência Social é uma unidade orçamentária que objetiva atender ao disposto no parágrafo único do artigo 30 da LOAS, introduzido pela Lei 9.720/98, que cria condição para a transferência de recursos do Fundo Nacional de Assistência Social aos Estados, Distrito Federal e Municípios.

Ao ser transformado em Unidade Orçamentária, o Fundo de Assistência Social caracteriza um procedimento que garante a descentralização da execução orçamentária; permite que seja alcançada maior visibilidade no gerenciamento

dos recursos e possibilita a agilização da implementação rápida e eficaz das atividades e projetos na área de assistência social.

Assim, todas as ações de assistência social, sejam elas financiadas com recursos originários de receitas próprias, ou recebidos por transferência da União, pelo Fundo Estadual de Assistência Social – FEAS; e da União e do Estado, quando se tratar de Fundo Municipal de Assistência Social – FMAS, deverão estar incluídos na Unidade Orçamentária do Fundo de Assistência Social.

Os recursos que compõem o Fundo deverão ser depositados em contas especiais, sob a denominação de Fundo Estadual ou Municipal de Assistência Social, em instituições financeiras do governo federal.

O Fundo fortalece a implementação da Política de Assistência Social; contribui para maior visibilidade da aplicação de todos os recursos destinados às ações de assistência social; produz informações qualificadas para o processo de monitoramento e avaliação; para o exercício do controle social; e, ajustes do Sistema Descentralizado e Participativo da Assistência Social.

As entidades não-governamentais de assistência social podem participar da rede de Assistência Social que é a interconexão de entidades governamentais e não-governamentais prestadoras de serviços assistenciais que são oferecidos aos destinatários da Política Nacional de Assistência Social – PNAS.

Para participar da Rede é necessário que a entidade esteja legalmente constituída, apresentando capacidade jurídica, administrativa e técnica; tenha identificação com a área de atuação e esteja inscrita no Conselho Municipal de Assistência.

Além disso, para poder receber recursos dos Fundos de Assistência Social, a entidade deve ter registro ou certificado de filantropia do Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS.

O Gestor municipal define as en-

tidades que integrarão a rede local, considerando os aspectos legais da LOAS e a avaliação da qualidade dos serviços prestados.

Os municípios, recebidos os recursos dos fundos nacional e estadual, têm autonomia para a aplicação nas ações prioritárias definidas nos planos municipais de assistência social, aprovados pelos conselhos municipais.

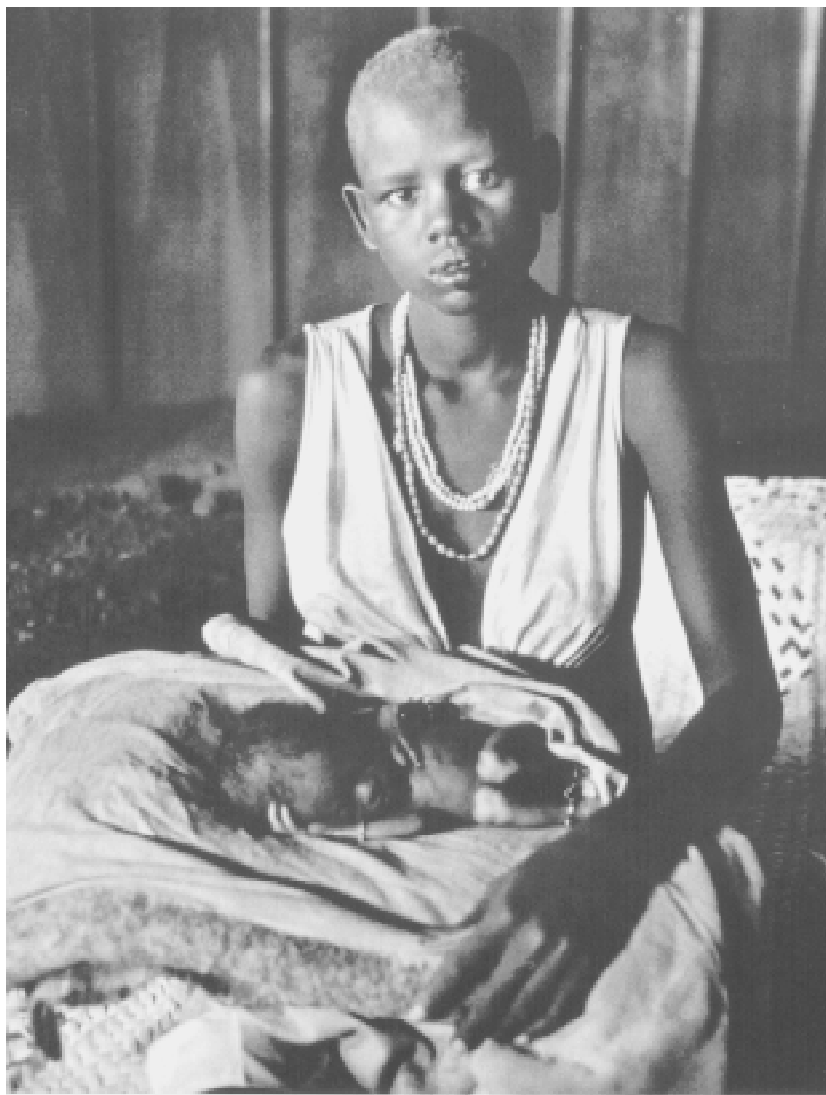
Desta forma, as entidades de assistência social devem apresentar seus projetos ao Conselho Municipal de seu Município a fim de que sejam analisados, e posteriormente incluídos no orçamento anual de assistência social.

No que respeita ao atendimento às crianças na faixa etária de 0 a 6 anos, a situação fica em outro contexto, já que as instituições que atuam nessa área devem respeitar a legislação específica, no caso a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN e legislação esparsa.

De acordo com a lei supra, referida as instituições que atendem aqueles menores fazem parte do Sistema Nacional de Educação e mais especificamente, atuam na educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio no caso, atendem a educação infantil.

Em decorrência da exigência legal e tendo em vista que cabe aos municípios e aos estados, quando aqueles não têm seus sistemas de ensino, normatizar e fiscalizar as instituições de educação infantil, essas devem adaptar-se às normas emanadas dos Conselhos Municipais de Educação ou do Conselho Estaduais de Educação, quando for o caso.

Recapitulando, quando o município não tem seu sistema de educação, as instituições neles localizadas devem seguir as normas emanadas do Conselho Estadual de Educação, cujo diploma legal básico é a Resolução nº. 246, de 02 de junho de 1999, que estabelece as normas para a oferta de Educação Infantil, no Sistema Estadual de Ensino.



As entidades devem participar dos foros de discussão para trocar experiências e participar na elaboração das políticas do setor.

Quando o município possui seu sistema de ensino, as entidades devem seguir as normas emanadas do respectivo Conselho Municipal de Educação, como é o caso de Porto Alegre, que editou a resolução nº. 003, de 25 de janeiro de 2001.

A resolução do Conselho Estadual de Educação está em vigência desde 31 de dezembro de 2001 e a dos municípios de acordo com suas resoluções.

Este é o quadro que estamos vivenciando, com as instituições enfrentando dificuldades para poderem cumprir com as exigências

legais, bem como na obtenção de recursos para seus programas de atendimento assistenciais.

Entendemos que as entidades devem participar dos foros das instituições não-governamentais de assistência social, instância da sociedade civil organizada nos municípios, local de discussões e de troca de experiências daqueles que tem o ideal de atender aos assistidos, bem como estabelecer a posição da sociedade civil no que respeita ao estabelecimento das políticas de assistência social.

Fora da educação não há salvação

Ney Lobo*

Educação X Instrução

Com essa sentença em epígrafe, tão marcante e peremptória, adverte-nos sem circunlóquios, o Bispo de Cartago SÃO CIPRIANO (210-250 a.D), mártir do Cristianismo.

E assim se exprimia no latim da época:

“Extra educationem”.

“Nulla Salus”

Observe-se a firmeza da convicção tão direta. Retilínea. Sem dúvidas ou tergiversações ou nuanças lenientes.

Aproveitemos essa lição tão inédita, irradiada do remoto do III século da Era Cristã, e já com 18 séculos de idade. E até hoje tão olvidada e inaproveitada em sua profundidade.

Aproveitemo-la nós, então. Erradicando os subterfúgios procrastinadores, amansadores de nossa consciência culposa pelo descaído para com a educação. Os sistemas e instituições escolares têm dado preferência exclusiva aos sucedâneos da educação mais simples, e que não a sucedem; aos substitutos baratos que não a substituem, aos suplentes sem eficácia, que não suprem por ela; por similares enganosos, que só enganam a nós mesmos.

Na senda milenar tortuosa e íngreme no tentame da formação humana, encontraremos essas simulações da educação propriamente dita, como sejam, as instruções intelectuais, o treinamento corporal, o preparo profissional, o adestramento, a doutrinação, a catequese e até o amestramento. Decalques esses que se não destinam à edu-



cação, quando exclusivistas e monopolistas, como vêm sendo administrados.

Mas que prevalecem, conquistam preferências, relegando ao segundo plano a promoção do aperfeiçoamento direto do espírito, missão privativa da educação, ou seja, a educação da alma. E nessa exclusão ocupam a totalidade dos tempos letivos das escolas, colégios, faculdades, universidades, academias, seminários e templos.

E mesmo os impropriamente intitulados Ministérios e Secretarias de educação, não se importam com a educação, frustrando essas denominações enganosas. Formam o médico, o advogado, o engenheiro, o professor, o economista, profissionais, técnicos; mas não formam o Homem-médico, o Homem-advogado, o Homem-engenheiro, o Homem-professor, etc. Não desenvolvem neles a

alma do profissional.

Também não há formação humana e espiritual nos ensinamentos fundamentais e médios, considerados, e rebaixados que são à mera preparação cultural básica dos futuros profissionais universitários, ou da mão-de-obra especializada.

Não estamos incidindo no mesmo erro do exclusivismo da educação e conseqüente marginalização da instrução e da profissionalização. O que estamos procurando e idealizando é a simetria entre instrução e educação. Não imediata. Porém, para inaugurá-la e, depois, em progressão paulatina, até atingir esse equilíbrio. Cujas possibilidades nos é acenada pela própria Doutrina Espírita nos textos de (LE-Q.780b) e (LE-Q192), (OP-A Aristrocacia Intelecto-Moral).

* Escritor Espírita

O sentido da Salvação

Voltemos à sentença inicial: “Fora da educação não há salvação”. Culmina ela na palavra salvação.

Nós, espíritas, não somos muito chegados a esse termo, embora o usemos algumas raras vezes. Porém, com interpretação própria segundo a Doutrina.

Para algumas confissões religiosas, a idéia de salvação está mais ligada ao conceito léxico e semântico de “livrar alguém de um grande e iminente perigo. Na visão popular, esse perigo seria o do inferno (as penas eternas) ao qual estariam condenadas as almas pecadoras. A salvação consistiria no sacrifício do CRISTO, que, com o seu sangue redimiria toda a humanidade, restituindo-a à comunhão com Deus.

Atualmente, essas idéias de salvação tendem a ser associadas não mais negativamente ao inferno, sim, positivamente, à conquista da bem-aventurança final no “céu”. Mas essa “salvação” ainda está condi-

cionada à doutrina da graça, como um Dom sobrenatural de Deus aos homens, devido aos méritos de JESUS. Compreendido esse Dom como uma dádiva, oferta gratuita, não devida, ou não merecida, pelos homens, portanto.

A Doutrina Espírita não se equivocou de emitir o seu conceito da graça, conforme o seguinte texto:

- (EE – Resumo da doutrina de Sócrates e Platão, XVII):

“A graça é a força que Deus faculta ao homem de boa vontade para se expungir do mal e praticar o bem”.

A nós nos parece que podemos desdobrar esse conceito em:

1º A Salvação é delineada por um caminho, um árduo roteiro de evolução espiritual a ser palmilhado pelos Espíritos pelo seu próprio esforço de aprimoramento progressivo da sua espiritualidade. Caminho esse balizado e iluminado pelo Evangelho de JESUS DE NAZARÉ.

2º A Graça é a força espiritual,

a boa vontade de melhorarmos (portanto não gratuita). Força essa que precisamos para percorrer aquele caminho árduo.

3º Salvar-se é percorrer esse roteiro de progresso espiritual, sem desfalecimento, mas antes com fé inabalável e invencível esperança.

4º Salvador é aquele que mostrou o caminho da salvação, ou seja, JESUS, quando revelou o seu Evangelho que iluminou o roteiro correto das almas.

5º Soteriologia é o estudo ou tratado da salvação, e, entre outros estudos, a Soteriologia Espírita está incluída na Doutrina correspondente.

Propostas de Salvação

Podemos alinhar quatro propostas de salvação analisadas no Cap. XV de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.¹ Aplicaremos a elas um esquema comum de apresentação demarcado por cinco balizas:

- (1). *Apresentação*
- (2). *Significado*
- (3). *Resultados*
- (4). *Avaliação*
- (5). *Sentença*

1ª proposta - “Fora da igreja não há salvação”.

(1). **Apresentação.** É o lema adotado pela Igreja Católica, e assim expresso em latim: “Extra Ecclesiam Nulla Salus”.

(2). **Significado.** Exclusão da salvação de todos os que não se abrigam no aprisco dos ensinamentos da Igreja, que não professam os seus dogmas e não cumprem os seus preceitos, sacramentos e orientações oficiais e canônicas.

(3). **Resultados.** (da incorporação dessa proposta):

a. “Longe de unir os filhos de Deus, separa-os”;

b. “Em vez de incitá-los aos amor de seus irmãos, alimenta e

(1) Aproveitando e transcrevendo os seus textos devidamente selecionados e aspidos.



Perseguição da Igreja Católica a judeus. Pintura ligeira de sépia de Francisco Goya, c. 1808-19, com a inscri "Por senherem de linhagem judaica".

sanciona a irritação entre sectários dos diferentes cultos”;

c. Faz com que os excluídos “se considerem malditos na eternidade”;

d. “Desprezando a grande lei de igualdade perante o túmulo, afasta uns dos outros, até no campo do repouso eterno”;

e. Os homens “anatematizam-se e perseguem-se reciprocamente, vivem como inimigos, o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que mutuamente se consideram condenados sem remissão”.

(4). Avaliação. “É um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do CRISTO e à lei evangélica”.

(5). Sentença. O Espiritismo condena frontalmente esta proposta, porque “não se estriba na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todos as religiões”.

2ª proposta - “Fora da verdade não há salvação”.

(1). Apresentação. Esta é a proposta “comum a todos as seitas que existem, pretendendo ter o privilégio da verdade”.

(2). Significado. Quando as religiões e seitas apregoam-se como verdadeiras, isso significa que pretendem estar conforme a vontade, a revelação e os ensinamentos de Deus. Qualquer doutrina religiosa que difira delas estará fora da verdade e da salvação

(3). Resultados. (da incorporação dessa proposta):

a. Exclui da salvação todas as seitas que não estejam conforme àquela que se proclama ter a exclusividade da verdade.

(4). Avaliação.

a. “(Nenhum homem ou seita) se pode vangloriar de possuir a verdade, quando o âmbito dos conhecimentos incessantemente se alarga e todos os dias se retificam as idéias”;

b. “Nenhuma seita existe que não pretenda ter o privilégio da verdade”;

c. “A verdade absoluta é patri-

mônio unicamente de Espíritos da categoria mais elevada”;

d. “A humanidade terrena não pode pretender possuir (a verdade absoluta), porque não lhe é dado saber tudo”.

e. “(A humanidade) somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcionada ao seu adiantamento”;

f. “Se Deus houvera feito da posse da verdade absoluta condição expressa da felicidade teria proferido uma sentença de proscrição geral”;

g. Equivale ao “Fora da Igreja não há salvação” e seria igualmente exclusivista;

h. “Esta máxima separa em lugar de unir e perpetua os antagonismos”.

(5). Sentença. “Como não pretende ensinar ainda toda a verdade, (o Espiritismo) também não diz: Fora da verdade não há salvação”.

3ª proposta - “Fora do espiritismo não há salvação”.

(1). Apresentação. Jamais o Es-

piritismo proclamou, e nem mesmo insinuou, esta proposta tão ao arrepio dos princípios da Doutrina Espírita.

Mas essa exclusão pretenciosa é muito comum em algumas confissões religiosas, quando se degradam e assumem, os seus adeptos, interpretações fundamentalistas de suas escrituras.

(2). Significado. Se essa posição sectária fosse assumida pelo Espiritismo, significaria que quem não o professasse estaria tolhido de progredir espiritualmente e de usufruir desse progresso e conseqüente bem-aventurança (grande felicidade perfeita e eterna).

(3). Resultados. (hipotéticos - simples conjectura, se o Espiritismo viesse a assumir esse posicionamento):

a. O movimento espírita viria a competir com os movimentos, fundamentalistas na disputa pela exclusividade da salvação; e todos estariam errados e enganados;

b. Os salpicos expelidos por



Perseguição protestante a católicos. "Iconoclastas nos Países Baixos", estampa holandesa de 1583.

O Espiritismo é a única comunidade religiosa que não reivindica a exclusividade para a salvação.

essa falácia poderiam respingar na própria Doutrina Espírita – sem nela se incorporar. E, muito pelo contrário, por ela repudiados;

c. “Estariam deserdados todos os que não crêem, ou que não tiveram ensejo de esclarecer-se (com a Doutrina Espírita), o que seria absurdo”;

d. A Doutrina ficaria exposta a ataques partidos de todos os lados;

e. O movimento espírita perderia força, credibilidade e prestígio. E mais: perderia a sua posição ímpar de única comunidade religiosa que não reivindica a exclusividade para a salvação.

(4). Avaliação.

a. “O bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que a ele conduza” (LE-Q.982);

b. O bem, que é o verdadeiro caminho da salvação, não é privilégio de nenhuma religião ou seita;

c. O bem é comum a todas as religiões que o prestigiam, pregam-no e ensinam, com eficácia pedagógica e o modo de praticá-lo;

d. “(No Espiritismo) ninguém diz que, sem ele, não possa (a felicidade) ser conseguida” (LE-Q.982, p.2, no final).

(5). Sentença. A Doutrina Espírita e o respectivo movimento jamais encorajariam qualquer tentativa no sentido de monopolizar a salvação.

Se há uma exclusividade no Espiritismo, é a de ser a única doutrina religiosa que não é exclusivista no tocante à salvação pelo menos, entre as mais conhecidas.

4ª proposta - “Fora da Caridade não há salvação”.

(1). Apresentação. “Nessa sentença estão encerrados os destinos dos homens, na terra e no céu”.

“Dentre estas três virtudes: a Fé, a Esperança e a Caridade, a mais excelente é a caridade”.

“A caridade não é apenas uma das condições para a salvação, mas é a condição única”.

(2). Significado. Esta proposta remove todas as três anteriores já expostas, restritivas e exclusivistas, abrindo a oportunidade igual para todos os homens, independentemente de qualquer credo que adotem. Desde que amem o próximo como a si mesmos, que é o segundo grande mandamento de Deus (MAT-22,39).

(3). Resultados. (da incorporação dessa proposta):

a. “Na Terra, à sombra desse estandarte, os homens viverão em paz; no céu, os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor”;

b. “Levando-a por guia, nunca o homem se transviará”;

c. “Ajudando a compreender os ensinamentos do CRISTO, ela fará melhores cristãos”.

d. “Guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão”;

e. “Todos os homens se julgarão irmãos”;

f. “Os povos praticarão entre si a caridade”(LE-Q.789).

g. Todas as demais virtudes emanarão da caridade (LE-Q.917,p.5).

h. “Reúne os homens num mesmo sentimento de amor”(LE-Pro,p.9).

i. “Evita que pratiqueis o mal, e fará que pratiqueis o bem”.

(4). Avaliação.

a. “Nada exprime com mais exatidão, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina”;

b. “A essência da perfeição é a caridade, na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes”(EE-XVII,2,p.2).

c. “É o reflexo do mais puro Cristianismo”;

d. “Consagra o princípio da

igualdade perante Deus e da liberdade de consciência”;

e. “Caridade e humildade, tal a senda única da salvação”;

f. “Todos podem praticá-la, mesmo na sua mais ampla acepção”;

g. Em suma, a caridade é o verdadeiro caminho da salvação, e, fora dela, não há salvação.

(5). Sentença. “Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando a caridade como regra, por isso que é o reflexo do mais puro Cristianismo”.

“A caridade é a alma do Espiritismo;(...)eis porque se pode dizer que não há verdadeiro espírita sem caridade” (RE-1868, pág.358).

A caridade é um dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita.

“Fora da educação não há salvação”

Estamos agora em condições de abordar, e mesmo encarar, essa sentença, que discrepa de todas as quatro anteriores.

Primeiramente, submetamos esta proposta ao mesmo esquema-padrão de análise aplicado às quatro propostas anteriores, segundo as cinco balizas demarcadoras: apresentação, significado, resultados, avaliação e sentença.

(1). Apresentação. Apesar de ter sido formulada no século III de nossa Era, pelo Bispo de Cartago, S. CIPRIANO, não logrou essa proposta implantar-se e nem mesmo permanecer na memória dos pósteros. E ainda: foi totalmente ignorada pelos pedagogos e sistemas educacionais até os dias de hoje, 19 séculos após, e permaneceu rebaixada pelo próprio Cristianismo quando optou pela proposta “Fora da Igreja não há salvação”.

(2). Significado. Educação como salvação significa incutir na educação um sentido transcendente, de alta relevância espiritual e religiosa. Ombreado-se assim no mesmo nível com a Igreja¹, a Verdade, o Espiritismo e a Caridade, anteriormente

expostas como propostas salvacionistas. As três primeiras marcadas pelo exclusivismo não-fraternal e a última irmanando todos os homens. Dentro desse espectro expositivo, a educação mantém íntima relação com a caridade redentora.

(3). Resultados. (da incorporação dessa proposta às religiões):

a. Considerando-se que as religiões destinam-se essencialmente à salvação das almas, encaminhando-as ao regaço divino, elas passariam a revestir-se dos mais consumados e eficazes princípios pedagógicos. Os quais possibilitariam a seus devotos o alcance da bem-aventurança.

b. As religiões assumiriam decisiva e terminantemente o elevadíssimo múnus a que estão destinadas. Ou seja, a preparação de devotos progressiva e espiritualmente educados, visando a um status remoto e final de puros Espíritos, aqueles que, então, teriam concluído a sua formação religioso-educativa. Compreendida essa educação como sendo o conjunto harmônico e eficaz dos processos pedagógicos que promovem o desenvolvimento (atualização) de todo o riquíssimo potencial humano das perfeições espirituais, que jazem no fundo das almas em estado relativamente latente e inercial.

c. O reconhecimento invencível e bem fundamentado, racional e emocional, da natureza divina do “magister universalis”, conduzindo de sua majestática e divinal cátedra a execução de um maravilhoso e enormíssimo Plano Supremo da Pedagogia Divina, abrangendo a totalidade infinita do Universo.

d. O percurso ascensional das almas (o roteiro da “salvação”) mais livre e desobstruído de escolhos: a impedimento de dogmas pesados e de mitos irracionais. Facilitando a marcha progressiva (aperfeiçoamento) dos romeiros do espírito.

e. O enfoque de todos os devotos como educandos de Deus, movidos pelo amor pedagógico

(“eros paidikos”) do Criador no aprimoramento das formas de seus educandos na direção do Altíssimo e Divino Referencial.

f. A superação da visão infantil do pecado, tomadas as faltas humanas dentro de uma bem interpretada disciplina pedagógica divina. Como correção educativa e amorosa das imperfeições dos educandos (que somos todos os homens). São as conseqüências naturais dos desvios educativos, num sentido ético-pedagógico. Mas requerendo arrependimento, expiação e reparação. Efetiva, porém, a profilaxia das culpas neurotizantes e do talião divino dos justiceiros “demoníacos e infernais”. Dispensando assim julgamentos formais dos juízos, quer parciais, quer finais.

g. A legítima e clarificada visão do universo como a global instituição educativa. Nessa escola infinita, exerce Deus a sua divinal docência, do alto de sua eminentíssima e majestática cátedra. Educandário perpétuo e incomensurável. Sem fim e sem fronteiras. Sem sombras para o alcance ilimitado da universalidade de sua ação educativa. Sem dobras e sem tjuocos. Sem ângulos mortos. Sem anfractuosidades desprovidas de sua santíssima presença e luz magistral, na perpetuidade do seu divino magistério.

A religião, iluminada pela educação, erradica os castigos. O devoto, como educando, é o ser suscetível de errar, e por isso, objeto de correção pedagógica; Sem o que, perde seu status de educando para assumir o de delinqüente. Mas é sempre responsável pelos erros que poderia ter evitado.

h. Com a incorporação da educação como caminho da “salvação”, fica instituída a consciência moral e religiosa como nossa mestra interior e delegada do Supremo Educador junto a cada ser humano. Para nos educar, advertindo-nos continuamente contra possíveis erros, emitindo cintilações a cada si-

nal de fraqueza do homem.

i. A educação como senda árdua da salvação liberta as religiões da ganga sectária, fundamentalista, antropomórfica, idólatra e dogmática, que nos impede de vislumbrar o Criador como Educador Universal.

(4.) Avaliação. Todas as religiões e crenças estariam, infundidas por essa visão profunda de que “fora da educação não há salvação” e encontrariam no seu próprio âmago a sua razão de ser: o desenvolvimento do potencial anímico, ou seja, do conjunto das perfeições potenciais dos Espíritos na direção de Deus. E assim, coincidindo com o próprio conceito de educação (e + ducere = tirar, conduzir para fora os valores ínsitos nas profundezas do espírito).

Desse modo, as vigentes religiões assimilar-se-iam à verdadeira educação numa síntese necessária e indispensável para a evolução e felicidade geral da humanidade.

(5). Sentença. Realmente, fora da educação não há salvação, quando compreendida esta última como a educação do espírito na direção de Deus.^{1a}

Sentença essa que não é exclusivista porque faz parte da perfeição da caridade incorporável essa a qualquer religião, crença ou seita, como já vimos.

Educação e Caridade

Expusemos anteriormente o valor inigualável da virtude da caridade no encaminhamento seguro das almas para o regaço de Deus. E registramos que, verdadeiramente, fora dela não há salvação, bem compreendida essa como o percurso dos Espíritos apontado pelo CRISTO e que é o seu Evangelho.

(1) Compreendida esta como representando qualquer religião institucionalizada, qualquer que seja a crença ou fé.

(1a) Vide o desdobramento integral dessa matéria no item “Pedagogia Divina” em nossa obra anterior “Filosofia Espírita da Educação – 5º vol. págs 59 a 70 (Ed. FEB 1990).

Todavia, essa sentença, tão decisiva e imperativa mesmo, colide com a última que advogamos como também impositiva?

Seriam ambas exclusivistas e intransigentes? marginalizando todas as demais propostas de “Salvação”. Comparemos:

–“Fora da caridade não há salvação”.

–“Fora da educação não há salvação”.

Parece que ambas se excluem mutuamente. Já demonstramos que a primeira é exclusivista apenas na forma de expressão, mas não nos seus efeitos. Nos seus resultados, ela abrange e irmana os seguidores de qualquer religião.

Teremos de optar entre uma e outra? Cruel dilema? – Não! – É um falso dilema. Essa opção por uma e exclusão da outra só viceja nas mentes apressadas dos que entendem a caridade apenas pela administração aos carentes de alimento, agasalho e medicamento.

Não alçam vôo aos patamares mais elevados da caridade. E daí o exclusivismo das obras assistenciais restritamente oblativas. Não conseguem vislumbrar que há outras formas superiores de caridade, como a caridade moral do conforto, solidariedade, consolo espiritual; a visita oportuna e aconchegante, a empatia solidária, o conselho amigo. Mas acima de todas essas formas superiores, a caridade por excelência, a educação.

Portanto, caridade e educação não são reciprocamente excludentes. Elas se integram. A caridade, mais abrangente, inclui a educação; a Educação, mais restrita, incorpora-se à Caridade.

E por que razões se integram? – Porque ambas têm a mesma natureza emocional do amor, e atuam sob a sua égide. Como pensava HERCULANO PIRES:

[“A educação, em sua verdadei-

ra essência, é um ato de amar... Só o amor educa, só a ternura faz as almas crescerem no bem”.^{2]}

[“A pedagogia filantrópica é o ensino a serviço da caridade e sua didática é a do amor.”^{3]}

E, para arrematar, não deixando qualquer dúvida, a afirmação categórica de PESTALOZZI:

[“A educação é a única filantropia efetiva, o primeiro de todos os direitos humanos”^{4]}

Por um mecenato espírita⁵ (da necessidade de um Mecenato Espírita)

“É verdade que a maioria dos espíritas é pobre, mas existem muitos espíritas afortunados. Em geral, preferem aplicar seus recursos em favor de obras de assistência social, acreditando que os juroes espirituais são maiores nesse campo, ou simplesmente por espírito de caridade. É necessário demonstrar a esses confrades que a caridade maior está precisamente na prevenção das desgraças, e que essa prevenção só é possível através da educação, da formação educacional espírita”.

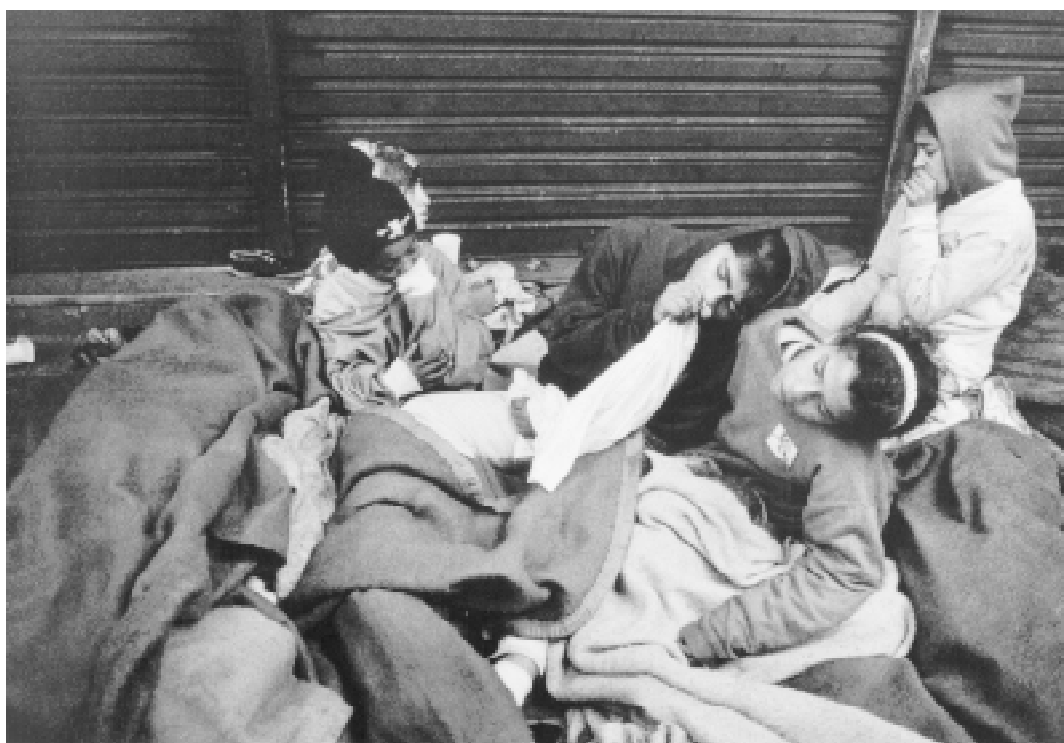
“As obras de assistência

correspondem ao dever de fraternidade que a Doutrina nos desperta, e não devemos jamais descuidar delas. Mas isso não impede que cuidemos também da assistência educacional, lembrando-nos da Pedagogia Filantrópica de PESTALOZZI, seguida por seu discípulo, o Prof. DENIZARD RIVAIL, mais tarde ALLAN KARDEC. Os espíritas ricos deverão pensar seriamente na urgência da criação das Escolas de Espiritismo. Sabe-se que nos Estados Unidos, o interesse religioso dos protestantes pela educação determinou o maravilhoso florescimento de vasta rede de Universidades”.

“No Brasil, os espíritas podem fazer o mesmo. Urge despertar o nosso meio para o dever de contribuir eficazmente para a formação cultural espírita do povo, com doações em dinheiro e bens patrimoniais em favor de instituições e educacionais espíritas”. (grifos nosso). (Prof. J. HERCULANO PIRES - Artigo com o título “Escolas de Espiritismo)

(2) In revista “Educação Espírita”, nº 1 – pg. 80 (EDICEL).

(3) Idem, nº 3, pág. 44 (EDICEL)



A única caridade que salvará definitivamente os excluídos das suas misérias sociais é a educação.

E os paradigmas se movem novamente:

A comunicação como ética da promoção social espírita

Luiz Signates*



A Comunicação Social centrada nos relacionamentos humanos pode esclarecer e dar um direcionamento ético ao trabalho de assistência e promoção social.

O tema, dentro do movimento espírita, pode até parecer estranho. O que tem a ver a temática da comunicação e a da promoção social espírita? Este texto discute o conflito entre promoção social e divulgação no espiritismo, propondo o deslocamento do debate para o âmbito da comunicação social espírita.

Nosso movimento aprendeu, desde os seus primórdios, a enxergar a comunicação apenas na perspectiva da divulgação doutrinária. Essa perspectiva implica em três características fundamentais, que é preciso repensar: primeiro distingue a comunicação apenas em uma abordagem tecnicista, instrumental (como “meio” de alcançar certos fins preestabelecidos); segundo, infere que a prática da comunicação é exclusiva de técnicos e profissionais especializados; e, terceiro e mais grave, concebe as relações espíritas dentro de um viés que beira facilmente o conversionismo religioso e a disputa proselitista

das religiões.

Dentro desse paradigma, de fato, comunicar é uma coisa, fazer promoção social é outra. E, em certos casos, uma pode até atrapalhar a outra, como é o caso do conflito que não raro ocorre com a adequação que instituições de assistência são obrigadas a fazer, no sentido de banir a pregação espírita de suas atividades, por exigência dos convênios feitos com os órgãos governamentais financiadores, que, acertadamente, procuram evitar o financiamento estatal da propaganda religiosa.

A abordagem da temática da promoção social espírita, neste texto, parece-nos fundamental para pontuar o que vem a ser o que temos denominado comunicação social espírita, como algo diferente de divulgação doutrinária, abordagem que não tem sido facilmente entendida por largas faixas de nosso movimento, mas que é tão importante que não pode ser deixada de lado.

Esperamos que, ao tratar do con-

flição entre promoção social e comunicação, consigamos chamar a atenção para uma mudança paradigmática no trato dessa temática, que, hoje, tamanha é a sua relevância, já é objeto de uma campanha nacional promovida pela Associação Brasileira de Divulgores do Espiritismo.

Primeiro ponto: de que trata a comunicação social espírita?

Começemos já indo direto ao assunto: a comunicação social espírita se ocupa das relações sociais espíritas, de sua ética e de sua política. Do ponto de vista das pesquisas no campo científico das ciências sociais

aplicadas, desde que Lasswell (1948) formulou o célebre esquema “quem diz o quê, por quais meios, para quem e com que finalidade”, a centralidade dos estudos em comunicação tem variado a ponto de ser difícil discernir qual é o objeto desses estudos.

Afinal, de que trata a comunicação? Do sujeito que fala, de suas intenções e fins? Da mensagem que é “transmitida”? Dos meios técnicos e institucionais? Dos receptores e dos processos de recepção? A cultura espírita construída ao longo do século 20 no Brasil raramente teve dúvidas: a comunicação, no espiritismo, diz respeito aos

* Luiz Signates é jornalista e professor da Universidade Federal de Goiás, com especialização em políticas públicas e mestrado e doutorado em ciências da comunicação. Expositor e escritor espírita, atualmente preside o Instituto de Comunicação Social Espírita – Ícone e ocupa a diretoria de Políticas de Comunicação da Associação Brasileira de Divulgores do Espiritismo—Abrade.

conteúdos da mensagem, os quais devem ter como apanágio o resguardo de sua pureza original (conceito de “pureza doutrinária”).

Esta é, contudo, uma visão tecnicista e funcionalista da comunicação, e que, na verdade, constituiu no meio científico não uma teoria da comunicação, e sim, mais propriamente, uma teoria da informação. A importância desse modelo teórico foi enorme para o desenvolvimento das tecnologias informacionais existentes hoje, mas são altamente questionáveis quando o problema é a explicação e a promoção de saídas teóricas para a questão da interação humana.

Não devemos cansar o leitor com discussões teóricas e filigranas. Seja suficiente saber que as teorias de linguagem do século 20 baniram a idéia de transmissão de mensagens para explicar os processos de significação (ver Araújo, 2001, e Wolf, 1985); que as teorias sociais deixaram de lado as discussões metafísicas voltadas a adivinhar as eventuais intenções dos sujeitos em interação, voltando-se para suas relações concretas (contra o intencionalismo, ver Habermas, 1985, p. 275 e seg.); os estudiosos de tecnologia superaram uma visão meramente instrumental dos equipamentos e de seus softwares, inserindo conceitos de sociologia, política, cultura, economia e história nas análises (Goytisoló, 1977; Martins, 1975;); e que, nos próprios estudos de ciência da comunicação, as pesquisas de recepção identificaram uma enorme complexidade de que o “modelito” emissor-receptor já não dá mais conta.

Eis porque a base teórica hoje e aqui assumida é a de que o objeto da comunicação não pode ser ou-

tro, senão o próprio vínculo social, em todas as suas dimensões e em toda a sua complexidade. Falar de comunicação não é mais falar de mensagens que transitam e sim falar de pessoas que se relacionam. É por essa razão que temos pontuado que tratar de comunicação espírita é muito mais do que tratar de divulgação, mas de discutir as éticas e as políticas de relacionamento dos espíritas entre si e com os demais grupos sociais. E é aqui que o debate com a promoção social espírita passa a fazer sentido.

Comunicação como a ética e a política de promoção social

A questão, portanto, de “como fazer divulgação doutrinária na promoção social espírita?” se torna, de pronto, muito mais ampla: “que tipo de relação estabelecemos com o outro, na promoção e na comunicação social espírita?”. Esta, sim, é a questão efetivamente relevante, e que diz respeito tanto à comunicação quanto à promoção. Além de superar o modelo tecnicista, esse deslocamento paradigmático traz ganhos de acréscimo, como o de estabelecer o problema da comunicação para todo e qualquer espírita, e não apenas para “especialistas” e “profissionais” (jornalistas, publicitários, etc.) e, o que é mais importante, abandona definitivamente as preocupações proselitistas, puristas e conversionistas das atividades espíritas.

Nesse ponto, o difusionismo doutrinário não é nem precisa ser abandonado inteiramente, mas fica inteiramente submetido à ética comunicativa, à questão pragmática sobre a natureza da própria relação que se estabelece. Em outras palavras, divulgar o espiritismo só se justifica

dentro de condições de diálogo, respeito mútuo, aprendizado e doação desinteressada, isto é, quando a relação concreta estabelecida for de tipo comunicativo.

Nesse sentido, como podemos observar as atividades de promoção social espírita? O devotamento espírita em direção às necessidades e sofrimentos das populações é uma importante marca de origem de nosso movimento. Se, na França do século 19, nos textos de Allan Kardec, a apreensão era, sobretudo a da caridade espontânea, orientada por intencionalidade moral, no Brasil a herança das práticas de misericórdia católica, das consultas homeopáticas e mesmeristas e dos tratamentos e aconselhamentos espirituais junto aos médiuns da tradição afrobrasileira, marca o espiritismo desde aquela época.

Por aqui, praticamente toda a cadeia de atividades espíritas desponta como terapia e assistência. Até mesmo a psicografia e a psicofonia, faculdades denominadas pelo codificador como de efeitos “intelectuais” (embora seguramente ele tenha dado um significado bastante amplo para este termo), ganham aqui a conotação pragmática do que bem poderíamos chamar de “efeitos terapêuticos” (entre os quais se enquadrariam desde os receitistas do fim do século 19 até os passistas e receptores de cartas nos dias atuais). E, assim, desabrocha com toda força o chamado “período religioso”, que Kardec previra com tanta acuidade, enganando-se apenas quanto à sua duração (Kardec, 1863).

Ao longo deste tempo, as atividades de promoção e assistência (ou de filantropia), cada vez mais assumidas pelo Estado laico, sobretudo no modelo keynesiano do welfare state (o Estado do bem-estar social, a prevenção capitalista contra os riscos das revoluções socialistas), passaram por suas fases próprias (Mestriner, 2001), as quais demandam ser pensadas a partir da perspectiva da inserção da comuni-

O objeto da comunicação não pode ser outro, senão o próprio vínculo social, em todas as suas dimensões e em toda a sua complexidade.

dade espírita nessas relações.

Embora quase não haja discussão específica desse assunto no meio espírita, não nos parece ser possível discutir promoção social sem falar da relação entre o Estado e a sociedade civil. Esta parece ser a primeira questão grave a ser colocada dentro das discussões espíritas. Isso porque, com raras exceções, as questões de promoção e assistência têm sido tratadas em nosso meio apenas a partir de uma perspectiva voluntarista, deixando de fora as temáticas políticas que envolvem toda a manutenção de nossas maiores instituições. Em outras palavras, o espiritismo é capaz de debater a assistência social sem sequer citar o Estado ou fazer qualquer referência à questão das políticas públicas. Trata-se de uma lacuna incompreensível e extremamente perigosa. Sem que se pretenda fazer qualquer acusação, até porque, ao que sabemos, inexistente pesquisa específica a respeito das relações entre o Estado e o movimento espírita, é preciso considerar que o silêncio no debate público a respeito desse assunto deixa abertas as relações institucionais para todo tipo de prática, inclusive as que configuram a má política, como o clientelismo, a corrupção, a distribuição de propinas, o aparelhamento de interesses partidários e a troca de favores – e tudo isso, provavelmente, sob o pretexto de garantir a “sobrevivência da obra”.

Outra questão séria parece ser o risco de a institucionalização da ação social espírita criar razões sistêmicas, no sentido habermasiano do termo: a instituição passa a ter como principal finalidade a sua própria sobrevivência e o seu crescimento, e não a solução dos graves problemas sociais do mundo. Em outro texto (Signates, 1998), definimos a institucionalização como sendo o processo de dogmatização de conteúdos e ritualização das práticas, conferindo, por um lado, a simplificação das ações e relações, mas, por outro, o estabe-

lecimento de relações de poder institucional e de zonas de exclusão. Caso isso ocorra, a instituição espírita terá em si o seu próprio objetivo, e não nos outros. Casos típicos são os de ações sociais serem criadas ou mantidas por conta de tradições fundadoras ou recomendações literárias, sem qualquer pesquisa ou percepção junto às comunidades para as quais elas supostamente se dirigem.

O risco de uma eventual desconexão entre a ação promocional e a comunidade deve ser, por isso, uma constante preocupação espírita. Entretanto, o que é mais interessante é saber que a manutenção desse vínculo é um problema de comunicação. O espírita não deve perder de vista que, ao contrário da ética da comunicação, a atividade institucional de promoção é meio, e não fim de sua ação sobre o mundo. Uma sociedade justa e fraterna não precisa de instituições de assistência social, embora, para se manter fraterna e justa, demande, sempre, que seja presidido por políticas capazes de proteger as relações entre pessoas e grupos nos termos de uma ética comunicativa.

Esse deslocamento da discussão da comunicação do plano da

mera difusão doutrinária para o das relações sociais culmina, portanto, no campo das atividades de promoção social espírita, em situar de forma definitiva a idéia espírita de caridade no vasto campo da linguagem. Comunicar é estabelecer relações de fraternidade, definida esta como paz na alteridade, isto é, como convivência pacífica e aprendente com as diferenças dos outros. Como esse tipo de relação é altamente emancipatório, é perfeitamente possível dizer que a comunicação social espírita se ajusta à promoção social espírita como atividades eticamente similares, desde que a prática da promoção social ocorra sob a égide de uma ética comunicativa, ou seja, desde que as relações estabelecidas sejam a prática viva da fraternidade. Em outras palavras, quando a comunicação social espírita é efetivamente praticada, as atividades de promoção sociais se mantêm sempre referenciadas no outro, estabelecem-se como relacionamentos em que todos aprendem e nos quais se fundam a cidadania e os direitos humanos, na perspectiva da construção da sociedade fraterna e justa que todos ansiamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- LASSWELL, H. D.** (1948) The structure and function of communication in society. In: **SCHRAMM-ROBERTS.** (ed.) The communications of ideas. New York: Harper, 1972;
- GOIYTISSOLO, Juan V.** de (1977) O perigo da desumanização através do predomínio da tecnocracia. São Paulo: Mundo Cultural.
- MARTINS, Carlos E.** (1975) A tecnocracia na história. São Paulo: Alfa Omega.
- HABERMAS, Jürgen** (1985) O discurso filosófico da modernidade. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- ARAÚJO, Carlos A.** (2001) A pesquisa norte-americana. In: **HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V.** (orgs.) Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes.
- WOLF, Mauro** (1985) Teorias da comunicação. Lisboa: Presença, 1987.
- KARDEC, Allan** (1863) Período de luta. In: *Revue Spirite*, Dez/1863. São Paulo: Edicel, 1965. (p. 377-379)
- MESTRINER, Maria L.** (2001) O Estado entre a filantropia e a assistência social. São Paulo: Cortez.
- SIGNATES, Luiz** (1998) Espiritismo e cotidiano. Goiânia: Texto inédito.

A assistência social e o desenvolvimento integral da família

César Reis*

Visando apresentar um modelo prático de Assistência e Promoção Social Espírita, fomos buscar junto ao Lar Fabiano de Cristo, instituição de raízes espíritas que já possui mais de quarenta anos de experiência na área da assistência social, o seu modelo de desenvolvimento integral da família. Para compreendê-lo precisamos analisar o seguinte diagrama:



Neste diagrama são visualizadas quatro grandes áreas;

- Missão • Objetivos • Programas • Subprogramas

Hoje, a ciência moderna da Administração estabelece que as instituições precisam definir a sua missão, trabalharem estabelecendo objetivos (metas), programas e subprogramas de ação. Pois o Lar Fabiano de Cristo segue estes princípios.

A. Missão do Lar Fabiano de Cristo é: Reduzir e/ou erradicar as misérias;

Material (j1); Social e afetiva (j2); Ética e moral (j3); Espiritual (j4).

B. Seus objetivos baseiam-se numa visão integral de saúde – saúde total. Objetiva, portanto, oportunizar aos seus assistidos:

- Saúde Física; Saúde Emocional; Saúde Mental; Saúde Espiritual; Saúde Social e Ambiental.

C. Atendendo a legislação que norteia as ações na área de assistência social, estrutura a dinâmica do seu trabalho basicamente em dois programas.

- Programa de Orientação Sócio – Familiar
- Programa de Apoio Sócio – Educativo

D. Os programas se subdividem em subprogramas, conforme os quadros abaixo.

Programa de orientação e apoio sócio familiar

Subprogramas	Atividades
Educação e Acompanhamento das Famílias e Idosos	<ul style="list-style-type: none"> • Triagens e Entrevistas. Diagnósticos das necessidades. • Elaboração do plano para melhoria das condições da família • Acompanhamento individual • Visitas domiciliares à família • Atividades recreativas e ocupacionais • Educação para a saúde • Sensibilização para o meio ambiente • Campanhas de caráter epidêmico
Apoio às Necessidades Básicas	<ul style="list-style-type: none"> • Auxílio habitação • Auxílio financeiro • Doação de medicamentos • Doação ou venda simbólica de vestuário • Apoio à gestantes • Distribuição de alimentos (sopa, lanche, etc) • Distribuição de gêneros e utilidades (cesta básica) • Atendimento médico • Atendimento odontológico • Encaminhamento para consultas e exames
Integração Social e Cidadania	<ul style="list-style-type: none"> • Orientação e apoio jurídico • Encaminhamento para o trabalho • Educação para o trabalho • Encaminhar para confecção de documentos • Alfabetização e leitura continuada para adultos

* Diretor Vice-presidente do Lar Fabiano de Cristo e da Capemi

Programa de orientação e apoio sócio educativo

Subprogramas	Atividades
Educação da Criança e do Adolescente	<ul style="list-style-type: none"> • Evangelização da Criança e do adolescente • Educação para a saúde • Sensibilização para o meio ambiente • Creche
Desenvolvimento Criativo e Apoio Escolar	<ul style="list-style-type: none"> • Reforço escolar • Encaminhamento e acompanhamento escolar • Cultura e Lazer
Profissionalização	<ul style="list-style-type: none"> • Cursos em geral, diretamente ou em parceria • Encaminhamento para • Estágios • Encaminhamento para serviços especializados • Acompanhamento

Paradigma da promoção social

Analisando o diagrama proposto pelo Lar Fabiano de Cristo, verifica-se que o paradigma da promoção social passa pela necessidade de encontrar-se um equilíbrio que conduza a dignificação do ser humano. Por exemplo, no emblema da balança, o pêndulo situa-se entre o prato da miséria e o prato da promoção. A missão, portanto, consiste em reduzir o ângulo da miséria, seja ela a miséria material, social e afetiva, ética e moral, ou espiritual. As pessoas situadas socialmente mais próximas do prato da miséria constituem o grupo de excluídos sociais. A busca do equilíbrio objetiva, reduzir este ângulo alpha, caminhando em direção a promoção e a inserção social destes nossos irmãos, alcançando com isso o objetivo proposto.

Fundamentos filosóficos

O Lar Fabiano de Cristo, como não poderia deixar de ser, possui fundamentos filosóficos, bem definidos, que não poderiam ser outros que não fossem os da Doutrina Espírita. Possui ainda sete pilares que norteiam a sua filosofia.

1. Fraternidade - Todos somos irmãos e como irmãos precisamos aprender a viver;

2. Democracia - Antes de ser um sistema político, é um sistema de respeito ao outro. Sem respeitar é impossível ajudar;

3. Família - Nossa unidade de trabalho. Ninguém nasce por acaso em uma determinada família. Portan-

to, valorizar a família é fundamental. Família equilibrada e o trampolim do grande salto para um mundo melhor;

4. Autotranscendência - Devemos levar o irmão amparado a descobrir-se como um ser divino, capaz de desenvolver potenciais inimagináveis;

5. Reforma íntima - O sentido de uma recuperação material, social, moral e espiritual somente é alcançado a partir de uma renovação interior que leve a um novo pensar, sentir e fazer;

6. Caridade - Baseada na benevolência, na indulgência e no perdão. A caridade praticada é o supremo instrumento de renovação

7. Consciência - Palavra grega que significa “geração de responsabilidade”. Implica dizer que: à medida que nossos irmãos amparados se esclarecem mais responsáveis se tornam perante, a si mesmos, perante os demais homens e perante a Deus.

Modelo holístico

Outro diagrama do Lar Fabiano de Cristo apresenta um modelo holístico cujos fundamentos filosóficos demonstram que o desenvolvimento integral da família conduz o ser humano para a construção do seu caminho de amor, conduzindo-o ainda, a uma transcendência pela formação de uma consciência crística e cósmica da vida.

DIAGRAMA DO MODELO HOLÍSTICO DO LFC



O Lar Fabiano de Cristo e o movimento espírita

Estas são as finalidades das atividades assistências e de promoção social espírita do Lar Fabiano de Cristo, cuja metodologia pode ser aplicado por qualquer casa espírita.

O Lar Fabiano de Cristo dentro de um espírito de parceira disponibiliza esta metodologia cujos alicerces se fundamentam no objetivo de promover o desenvolvimento integral da família, a todas as casas espíritas que

desejarem implanta-lo.

Rede Interna - SAPSE e demais atividades



A técnica do Lar Fabiano de Cristo utiliza-se de programas definidos, trabalhando com metodologias estruturadas e organizadas para atingir seus objetivos. Entende ainda ser fundamental que todas as áreas da casa espírita desenvolvam suas atividades no sentido de promover a reforma moral do ser humano trabalhando na base das relações sociais que é a família, conforme gráfico acima.

As atividades em redes de assistência e promoção social espírita

O Manual do SAPSE, ao tratar da questão dos recursos da comunidade esclarece que “O Centro Espírita por si só, nem sempre é suficiente para atender integralmente aos indivíduos e as famílias em estado de necessidade que o procuram. Muitas vezes precisam lançar mão dos serviços de outras obras da comunidade onde se insere, ou do local de origem das pessoas”.

Ainda o Manual de Orientação ao Centro Espírita, no seu Capítulo IX, letra “c” recomenda o levantamento de necessidades e incorporação de experiências, no que uma rede de comunicação com boa acessibilidade seria enorme suporte. Também no mesmo Capítulo, na letra “d” recomenda a “ligação com programas mais amplos de assistência, de modo a integrar-se a um sistema de ação comum”.

Por analogia, o Centro Espírita (SER COLETIVO) constituído de pessoas que interagem através dos canais próprios da comunicação (pessoa x pessoa; pessoa x departamento; departamento x departamento) constituem também uma complexa rede de troca de informações.

Trabalhar em rede é estimular a democracia, a criatividade, a autonomia e a responsabilidade na equipe de trabalho.

Naturalmente a rede surge à medida que os dirigentes e administradores percebem a necessidade de agilizar a troca de informação, qualificar os dados e racionalizar recursos. Nasce o sistema de comunicação sem ser obra de ninguém onde o Centro Espírita se integra à REDE DE ATENDIMENTO.

Fundamentos de redes

Uma REDE é um sistema de nós e elos capazes de organizar pessoas e instituições, de forma igualitária e democrática, em torno de um objetivo comum. Pode se formar a partir da união de várias instituições espíritas, ou mesmo não espíritas (pública ou privada), que tenham objetivos e finalidades comuns.

Os principais fundamentos de uma rede:

- **Autonomia:** Cada integrante mantém sua independência em relação à rede e aos demais integrantes. Numa rede não há subordinação.

- **Valores e objetivos compartilhados:** O que une os diferentes membros de uma rede é o conjunto de valores e objetivos comuns.

- **Vontade:** Ninguém é obrigado a entrar ou permanecer numa rede. O alicerce da rede é a vontade de participar.

- **Conectividade:** Uma rede é uma costura dinâmica de muitos pontos. Só quando estão ligados uns aos outros é que indivíduos e organizações mantêm a rede.

- **Participação:** A cooperação entre os integrantes de uma rede é o que a faz funcionar.

- **Multiliderança:** Uma rede não possui hierarquia nem chefe. A liderança provém de muitas fontes. As decisões também são compartilhadas.

- **Informação:** Numa rede, a informação circula livremente, emitida de pontos diversos e encaminhada de maneira não linear a uma infinidade de outros pontos, que também são emissores de informação.

- **Descentralização:** Uma rede não tem centro. Ou melhor, cada ponto da rede é um centro em potencial.

Dentro de uma nova dinâmica de execução de trabalhos constitui-se elemento fundamental o estabelecimento de REDES – PARCERIAS ENTRE INSTITUIÇÕES para o desenvolvimento mais amplo de atividades comuns.

Como se organizar em rede

Para se constituir uma rede formal, ou mesmo informal, o primeiro passo será identificar claramente seu objetivo: o que visam os que assim querem se organizar.

Em uma rede todos são iguais, todos têm iniciativa, todos são sujeitos de sua ação e co-responsáveis pela ação da rede, todos guardam sua liberdade. Mas pode haver uma distribuição de funções. A circulação de informações – a livre intercomunicação – é o elo básico das redes. Mas ela não acontecerá de forma espontâ-

nea e desorganizada: ainda que necessária e vital, os integrantes de uma rede tem que saber a quem enviar informações e como as enviar, assim como a quem pedir informações e como pedi-las.

Uma rede supõe, portanto, algum tipo de serviço que facilite a circulação das informações, por exemplo, um secretariado ou um conjunto de secretariados interligados. Sua função de facilitadores da intercomunicação – e não de dirigentes, comandantes ou coordenadores da rede – não lhes dá, no entanto o poder de controlar, esconder, hierarquizar, selecionar, censurar ou orientar a informação que deva circular.

A circulação de informações supõe também algum tipo de suporte sistemático – escrito, gráfico, auditivo ou informatizado – que faça chegar à informação ao conjunto de participantes, no ritmo, frequência e modo estabelecido de comum acordo por eles. Todos têm que ter acesso livre a esse suporte e suas comunicações.

Se algum participante quiser fazer uma proposta de ação conjunta, esta deverá circular por toda a rede como qualquer outra mensagem. A organização da ação conjunta proposta caberá àqueles que a assumirem, sem que haja obrigatoriedade de participação dos demais. As informações sobre o andamento dessa organização e da própria ação constituem mensagens que circularão pela rede, como as demais, se seus organizadores quiseram comunicá-las aos demais.

Os participantes de uma rede podem se encontrar pessoalmente e se reunir sempre que o considerarem necessário ou possível – para debater questões ou mesmo simplesmente para festejar. Dependendo das dimensões da rede, tais encontros podem ser um elemento importante – e mesmo decisivo – de sua consolidação, pelas relações interpessoais de amizade que assim se estabelecem. Nenhuma reunião desse tipo pode ter, no entanto, caráter deliberativo para o conjunto de participantes de rede. Quaisquer deliberações só vinculam aqueles que as tenham assumido.

Uma rede está sempre aberta à entrada de novos membros que aceitem as regras de intercomunicação estabelecidas, ainda que as mesmas possam e devam ser revistas à medida que a rede vá realizando seus objetivos ou definindo novos objetivos.

- **Múltiplos níveis:** Uma rede pode se desdobrar em múltiplos níveis ou segmentos autônomos, capazes de operar independentemente do restante da rede, de forma temporária ou permanente, conforme a demanda ou a circunstância. Sub-redes têm o mesmo “valor de rede” que a estrutura maior à qual se vinculam.

- **Dinamismo:** Uma rede é uma estrutura plástica, dinâmica e em movimento, que ultrapassa fronteiras físicas ou geográficas. Uma rede é multifacetada. Cada retrato da rede, tirado em momentos diferentes, revelará uma face nova.



Antes de sairmos às ruas para darmos nossa contribuição para a minoração das misérias sociais, é preciso nos organizarmos enquanto equipe de trabalho, sendo indispensável um projeto e uma metodologia bem definidos.

O trabalhador voluntário na assistência e promoção social espírita

Sandra Regina Miranda Pereira*

Hoje a ação voluntária atua na sociedade com uma força avassaladora, o que possibilita ampliar a força de trabalho das instituições em geral. As casas espíritas, como organizações inseridas na sociedade civil, podem e devem, utilizar-se destes empreendedores voluntários, que mesmo sendo apenas “simpatizantes”, dispõem-se a doar de si, do seu tempo e das suas aptidões em favor de um trabalho social sério.

Sabe-se ainda das enormes carências de recursos humanos qualificados que as instituições espíritas possuem para execução de suas

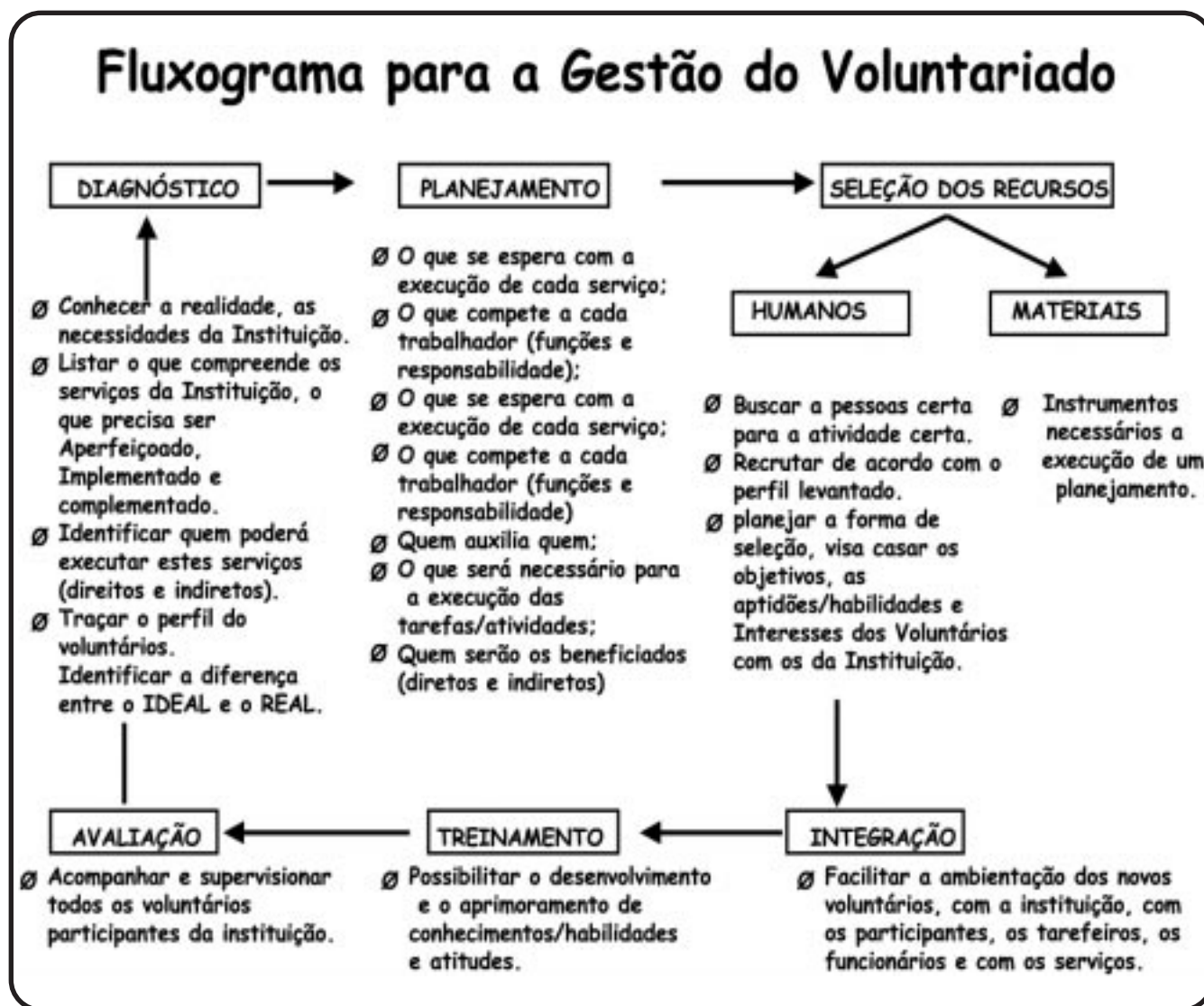
atividades assistenciais, principalmente para aquelas atividades que requerem uma capacitação específica. Por isso é importante que as casas espíritas se capacitem para receberem e trabalharem com o empreendedor voluntário.

É preciso, no entanto, que os dirigentes das casas espíritas, da mesma forma que precisam estar atentos às determinações da legislação do país, como a LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social e a Lei do Serviço Voluntário, estejam atentos, também ao recrutamento e capacitação daqueles que adentram a casa espírita, dispon-

do de “boa vontade”, e movidos pelo desejo solidário de servir e auxiliar o próximo, e vêm na casa espírita este espaço propício. Cabe, ao dirigente espírita, receber estas pessoas, esclarecê-las dos princípios, objetivos, e missão da casa espírita. Enfim, situá-las no contexto em que atuarão e ambientá-las com os demais trabalhadores da casa.

Em razão disto destacamos o fluxograma para a gestão do voluntário abaixo

* Assessora Pedagógica do SAPSE da USEERJ e Coordenadora Pedagógica da ONG - Rio Voluntário.



É preciso ainda esclarecer ao trabalhador voluntário a importância de conhecerem os princípios morais que norteiam a instituição espírita e os princípios doutrinários por ela defendidos, para que, sem a necessidade de aceitá-los, os respeitem, desenvolvendo uma postura ética de respeito não só a sociedade espírita como aos irmãos atendidos, vendo-os como irmãos em Cristo.

A atividade de assistência e promoção social espírita propicia ao empreendedor voluntário exercer o espírito de solidariedade, de troca de experiências e relacionamento com o próximo, onde cada um se coloca diante do outro como receptor e doador, iniciando-se um processo de intercâmbio e, sobretudo, de auxílio e nutrimento no mais amplo sentido, constituindo-se num

processo eminentemente educativo, em que ambos dão e recebem informações e vibrações de interesse mútuo e compreensão, desen-

volvendo a solidariedade em seu mais amplo sentido, o do impulso solidário em favor do próximo e pelo próximo.



Para ilustração apresentamos a evolução histórica do trabalho voluntário em nosso país

500 anos de história do Voluntariado no Brasil

- 1543 - Fundada na Vila de Santos, a Santa Casa de Misericórdia
- 1908 - A Cruz Vermelha chega ao Brasil **FILANTROPIA**
- 1942 - Getúlio Vargas funda a LBA **ASSISTENCIALISMO**
- 1967- O governo cria o Projeto Rondon, que leva universitários brasileiros para dar assistência às comunidades carentes no interior do país **ASSISTÊNCIA**
- 1990- A Iniciativa Voluntária começa a buscar parceiras com a classe empresarial **PARCERIA/RESPONSABILIDADE SOCIAL**
- 1993 - Betinho cria a Ação da Cidadania Contra a Miséria e pela Vida, que organiza a sociedade para combater a fome **CIDADANIA**
- 1995- Criação do Comunidade Solidária, com o propósito de articular trabalhos sociais em vários ministérios. Investimento financeiro para criação de Centros de Voluntariado.
- 1996- Início da organização das Centrais de Voluntariado no país.
- 1998- É promulgada a Lei 9608, que dispõe sobre as condições do trabalho voluntário e estabelece o Termo de Adesão.
- 2001- Ano Internacional do Voluntário/ONU (AIV2001) **SOLIDARIEDADE, JUSTIÇA e PROMOÇÃO SOCIAL**

Adaptado do Caderno Especial Folha Trainee - A Folha de São Paulo, 18/09/99

Pelos caminhos da cristandade

Cristian Macedo*

“Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo ninguém deve morrer de fome”.

O Livro dos Espíritos. Item 930.

“A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica”.

Paulo Freire

Pediram-me para escrever sobre história, mas prefiro escrever sobre sonhos.

Os sonhos estão em nós, vivos, se agitando, ávidos de se tornarem realidade através de nossas ações. E são as obras exemplares que se realizam na realidade que nos dão a perspectiva de que um mundo novo, mais fraterno e humano é possível.

Sonhando se constrói a História.

Qual o cristão que nunca leu ou ouviu falar sobre a modelar **“Casa do Caminho”**, dos primeiros tempos da Cristandade?

Comunidade onde a caridade era o fundamento e a convivência diária dava-se como numa grande família. E como sabemos, “caridade”, é uma palavra que foi cunhada por Paulo de Tarso, e significa “amor dinâmico”, isto é, amor posto em prática, amor em ação.

A Casa do Caminho era procurada por um sem número de pessoas porque sabiam que lá haveria quem os atendesse. Era uma comunidade utópica, sonhadora.

Afirmou-se certa vez que “a utopia deve ser construída a partir do que já existe como gérmen e, por isso, se apresenta como algo factível.”

Dentro desta perspectiva, Pedro

e Tiago, líderes da instituição, buscavam, pelo amor que nutriam pelo Mestre, pôr em prática Sua proposta, presente de forma clara em Mateus 25:35-40:

“ ‘...eu estava com fome e vocês me deram comida, estava com sede e vocês me deram de beber, fui estrangeiro e vocês me receberam em suas casas. Eu estive nu e vocês me vestiram, estive doente e vocês foram me visitar, estive na prisão e vocês foram até a mim.(...)Eu lhes afirmo com toda certeza: toda vez que vocês fizeram isso ao mais humilde desses meus irmãos, foi a mim que o fizeram!’ ”

A Casa do Caminho não privilegiava “números”, mas centrava sua ação amorosa na convivência diária, no soerguimento dos caídos, demonstrando empatia com os que sofriam.

Além de suprir as carências básicas dos necessitados, baseavam suas ações na exemplificação e na conscientização, evangelizando sempre através do convívio cotidiano.

Segundo Daniel Rops, historiador da Academia Francesa, nesta época os cristãos se chamavam de “irmãos”, a fim de horizontalizar as relações, se colocando ao lado dos assistidos. Rops ainda acrescenta que os trabalhadores cristãos eram conhecidos como diáconos (“servidores”).

A ação social cristã, da primeira época, baseava-se no companheirismo (que vem de *cun panere*, “compartilhar o pão juntos”) e seu projeto para a civilização articulava-se dentro da alegria do amor dinamizado.

Era o sonho de servir o Mestre, servindo aos irmãos em sofrimento.

No entanto, as sombras dos interesses mundanos, da hierarquia egoísta e vaidosa, levaram à alian-



Vivendo situações de amor, Jesus insuflou no corações dos homens e mulheres sensíveis um sonho de fraternidade, que devemos concretizar na história. Gravura de Gustavo Doré.

A caridade não pede servidores de final de semana, cuja finalidade seja aliviar-se da carga de culpa adquirida, mas trabalhadores que sirvam demonstrando contentamento e companheirismo.

ça entre o “trono” e o “altar”, des-
tituindo o Cristianismo nascente do
espírito de sinceridade e singeleza
dos primeiros tempos.

O peixe, único símbolo utilizado
com fins de identificação entre os
cristãos perseguidos (do grego ictus,
iniciais da assertiva “Jesus Cristo, fi-
lho de Deus Salvador”), dá lugar aos
ornamentos de ouro, ostentando or-
gulho perturbador, esquecendo o
amor-ágape sinalizado pelo Cristo.

A caridade é deixada em segun-
do plano e as trevas medievais en-
volvem a Terra.

O sonho renasce no século XIII,
quando, segundo Emmanuel, “um
dos maiores apóstolos de Jesus des-
ceu à carne com o nome de Fran-
cisco de Assis”, o *poverello*, que
busca a essencialidade na ação so-
cial. Amar aos pobres, conviver
com as dores, levar a esperança a
todos os que sofrem.

Segundo os escritos de Tomás de
Celano, “o ânimo de Francisco se
comovia à vista dos pobres e aos que
não podia atender com socorros de-
monstrava-lhes sincero afeto”.

Francisco fundou comunidades,

atendia os desamparados, incenti-
vava a autonomia na doação cons-
tante de si mesmo, alimentado pela
ternura e pela compaixão.

É na comunidade da Porciúncula
que faz sua oficina de ação, tratan-
do de enfermos, alimentando
deserdados, educando com amor.
É nesse núcleo cristão que se des-
prende do corpo físico, para deixar
a exemplificação notável que o fará
ser chamado de “o segundo Cris-
to”, nos vilarejos italianos. No en-
tanto, a instituição religiosa que se-
guiu sua ação, não estava prepa-
rada para isto, visto que o orgulho
e o egoísmo já estavam enraizados
em suas fileiras.

É o Espiritismo, no século XIX,
com o lema “Fora da Caridade não
há Salvação”, que retoma o ideal
cristão nascente e revigora as
ações sociais, projetando um mun-
do novo, uma nova Cristandade.

A ação caridosa proposta pelo
Espiritismo é o amor dinâmico de
Paulo, dos irmãos do Caminho, de
Francisco, e tem sua significação
mais profunda na própria ótica do
Nazareno, esclarecida pelos Espí-

ritos, ao responderem a Kardec
sobre o verdadeiro sentido da cari-
dade: “Benevolência para com to-
dos, indulgência para as imperfei-
ções dos outros, perdão das ofen-
sas”. (Questão 886 d’O Livro dos
Espíritos)

Mais do que doar coisas, a cari-
dade implica auto-doação, entrega,
comprometimento. A caridade não
pede servidores de final de semana,
cuja finalidade seja aliviar-se da car-
ga de culpa adquirida, mas servido-
res conscientes de sua importância
na tarefa. Trabalhadores que sirvam
demonstrando contentamento e o
companheirismo que a atividade exi-
ge: “Não basta que os pobres tenham
pão. É necessário que o pão seja
comido com alegria, nos jardins”.

Para muitos a caridade real é
uma utopia, bem como o mundo que
o Espiritismo projeta. No entanto os
sonhos não devem ser esquecidos,
mas alimentados. E conforme dis-
se certa vez Yoko Ono “Sonho que
se sonha só, é apenas sonho que se
sonha só. Sonho que se sonha jun-
to é realidade”.

Temos a realidade em nossas
mãos.

O sonho do Cristianismo vivido
em sua pureza, de uma assistência
social fraterna que busque a auto-
nomia do assistido com comprome-
timento e empatia, deve ser com-
partilhado a fim de sermos agentes
reais no processo de transforma-
ção de nosso orbe.

Por isso sonhemos juntos. Tra-
balhemos juntos para a construção
de um mundo melhor, onde a fome,
o descaso, e a intolerância não ten-
ham mais lugar. Sonhemos por
uma nova Cristandade. **Construa-
mos história!**

*Francisco de Assis,
uma pessoa que
conseguiu viver o
exemplo de caridade
dos primeiros cristãos
em plenitude de vida e
alegria cristã. Ilustra-
ção do livro "Saltério
Lutterell" de 1340.*

